



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Engenharia

**A Ideia de Lugar:
Compreender o Passado, Potencializar o Futuro
Intervenção na Praia da Torreira**

Hugo M. Almendra Ferreira

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

Arquitectura

(ciclo de estudos integrado)

Orientador: Prof. Doutor Tiago Cardoso de Oliveira

Covilhã, janeiro de 2020

Dedicatória

Dedico a presente dissertação de mestrado à minha Mãe, o meu melhor exemplo de superação, ao meu Pai, pela raça e ambição que me incutiu desde tenra idade e à minha família e amigos que de uma forma ou de outra me impulsionaram para a conclusão desta etapa da minha vida.

Aproveito para dedicar de uma forma mais particular ao André Monteiro, amigo que sempre acreditou em mim, ao meu padrinho Miguel, pelos bons conselhos e por fim ao meu avô Tone, pelo amor, carinho, força e a sua presença diária que me faz acreditar e superar qualquer obstáculo.

Obrigado Avô.

“A persistência é o caminho para o êxito” Charles Chaplin

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço ao meu orientador, Professor Doutor Tiago Cardoso de Oliveira, pelo apoio, conhecimento partilhado, paciência e objetividade nas reuniões que fomos tendo ao longo da elaboração da tese de mestrado.

Aos meus pais, que me deram a força e educação que me fizeram nunca desistir de nada.

Aos meus avós, que sempre me acarinharam e acreditaram em mim.

À minha família, que sempre me apoiou incondicionalmente.

Aos professores, que colaboraram, apoiaram o meu percurso académico e que me fizeram acreditar.

Aos meus amigos Alex Teixeira, Bernardo Pereira, João Esteves e João Bispo pela amizade ao longo destes anos, pelo apoio, pela paciência e espírito de superação.

A todos os meus colegas de turma e de curso, que me apoiaram, que se mostraram disponíveis para me ajudar e que fizeram de mim uma pessoa melhor.

À minha irmã, por me aturar.

À Vânia, pelo carinho, paciência e essencialmente por acreditar em mim.

À família Lagoncha, proprietários do edifício no qual me foco nesta tese, pela disponibilidade, interesse e documentos prestados.

A todos os que, de uma forma ou de outra contribuíram para a pessoa em que me tornei.

Resumo

A presente dissertação tem como tema a elaboração de um projeto de arquitectura que consiste numa intervenção sobre um imóvel na praia da Torreira. Constituído por um restaurante e uma pensão, que dão pelo nome comercial “O Moliceiro”. Se o seu nome se relaciona com a região onde o edifício se insere, o mesmo não se pode dizer em relação à sua arquitectura. Daqui nasce a preocupação que preside a esta dissertação, e que se prende com a ideia de lugar, de como certa região se apresenta. Assim, procura-se refletir sobre a forma de intervir arquitetonicamente nesta região que, como outras, foi descaracterizada por um “progresso” desmedido. O lote foi escolhido pelo convívio que tenho com ele desde a minha juventude, e pelas boas recordações que me traz.

A ideia passa por manter a mesma função, mas com conceitos diferentes, passando este lote a albergar um hostel com bistrô-bar, agregando uma escola náutica, que se justifica pela carência deste tipo de serviços nesta zona balnear. A nível conceptual procurou-se recriar elementos culturais e históricos deste local, aliando-os ao progresso e à contemporaneidade.

Se, por um lado, pretendemos enquadrar elementos que identificam o edifício com uma contextualização cultural, por outro não devemos atribuir a esses elementos a essência da qualidade arquitetónica da intervenção como se estivéssemos a propor um receituário para que toda a construção se uniformize, e se perdesse no processo a especificidade de cada edificação e a singularidade de cada autor.

Sendo assim, pretende-se que o edifício se possa inspirar no passado, mas ao mesmo tempo cumpra as necessidades atuais, desta forma modernizando-se e não ficando preso ao passado.

Palavras - Chave:

Lugar, recriar, elementos culturais e históricos.

Abstract

This dissertation has as its theme the elaboration of an architecture project that consists of an intervention on a property in Torreira beach. Consisting of a restaurant and a pension, which will give the trade name “O Moliceiro”. If you name is related to a region where the building is located, the same cannot be said for its architecture. Henceforth, a concern that presides over this dissertation, and which concerns with an idea of place, as a given region presents itself. Thus, we seek to reflect on a form of architectural intervention in this region that, like others, was uncharacterized by an excessive “progress”. The lot was chosen for the relief I have had since my youth and for the good memories it brings me.

The idea is to keep the same function, but with different concepts, passing this lot to a hostel with bar, adding a nautical school, which justifies the lack of this type services in this area. A conceptual level consists of recreating cultural and historical elements of this place, combining them with progress and contemporaneity.

If, on the one hand, it intends to frame elements that identify or construct with a cultural contextualization, on the other hand it does not attribute to these elements the essence of the architectural quality of the intervention as if we were to show a proportion of a receiver for the whole construction to become uniform, and if loss in the process of specificity of each building and uniqueness of each author.

Thus, it is intended that the building can be inspired by the past, but at the same time meet current needs, thus modernizing and not being stuck to the past.

Keywords:

place, recreate, cultural and historical elements.

Índice

| | |
|--|-----------|
| 1. Enquadramento do Tema | 1 |
| 1.1 Descrição geral | 3 |
| 1.2 Identificação de preocupações | 4 |
| 1.3 Justificação de opções estratégicas | 5 |
| 2. Contextualização histórica e cultura da Região | 9 |
| 2.1 Investigação histórica | 11 |
| 2.2 Identificação de características culturais da região | 13 |
| 2.3 Identificação de opções estratégicas para o sítio | 19 |
| 3. Estudo sobre novas possibilidades turísticas para a região, sítio e lote | 23 |
| 3.1 Contextualização | 25 |
| 3.2 Identificação de opções estratégicas para o sítio | 26 |
| 3.3 Estado da Arte: estudos de caso | 27 |
| 4. Projeto Prático | 35 |
| 4.1 Descrição e enquadramento do sítio | 37 |
| 4.2 Definição e justificação do programa | 39 |
| 4.3 Definição, descrição e justificação da estratégia de projeto | 40 |
| 4.4 O lote | 41 |
| 4.5 Distribuição do programa | 44 |
| 4.5.1 Restruturação do edificado | 46 |
| 4.6 Conceito e intenção da proposta | 47 |
| 4.6.1 Opções técnicas | 48 |
| 4.6.2 Casos relevantes do projeto | 55 |
| 5. Renders | 61 |
| 6. Conclusão | 69 |
| Referências Bibliográficas | 75 |

Lista de Figuras

Figura 1 - Vista aérea sobre a ria de Aveiro | Torreira;

[Fonte: <https://www.aveiromag.pt/2019/05/25/peixe-e-marisco-sao-os-pratos-fortes-do-festival-sabores-da-torreira/>]

Figura 2 - Avenida Hintze Ribeiro (S. Paio da Torreira);

[Fonte: <https://omeuaveiro.pt/s-paio-da-torreira-2018/>]

Figura 3 - Fogo de artifício (Mar) no S. Paio da Torreira;

[Fonte: <https://www.viralagenda.com/pt/events/487609/s-paio-na-praia-2018>]

Figura 4 - Cartaz da Romaria do S. Paio da Torreira;

[Fonte: https://www.cm-murtosa.pt/pages/745?event_id=129]

Figura 5 - Sistema PAU-A-PIQUE | Estacaria;

[Fonte: CALOR, Inês Alhandra - Técnicas Construtivas Avieiras. Tradição e inovação no sistema palafítico. Architectos sem Fronteiras Portugal.]

Figura 6 - Palheiros na praia do Furadouro | Ovar;

[Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/323837029432374042/?lp=true>]

Figura 7 -Praia do Monte Branco | Torreira;

[Fonte: <https://omelhordoverao.blogs.sapo.pt/10367.html>]

Figura 8 - Palheiro Requalificado | Torreira;

[Fonte: Fotos e edição elaborados pelo autor]

Figura 9 - Palheiro Requalificado | Torreira;

[Fonte: Fotos e edição elaborados pelo autor]

Figura 10 - Palheiro Requalificado | Torreira;

[Fonte: Fotos e edição elaborados pelo autor]

Figura 11 - Exemplo de construção recente inspirada no passado | Torreira;

[Fonte: Fotos e edição elaborados pelo autor]

Figura 12 - Exemplo de construção recente inspirada no passado | Torreira;

[Fonte: Fotos e edição elaborados pelo autor]

Figura 13 - Exemplo de construção recente inspirada no passado | Torreira;

[Fonte: Fotos e edição elaborados pelo autor]

Figura 14 - Casa de Alpendre | Bunheiro | Murtosa;

[Fonte: Fotos e edição elaborados pelo autor]

Figura 15 - Casa de Alpendre | Torreira;

[Fonte: Fotos e edição elaborados pelo autor]

Figura 16 - Casa dos pescadores | Torreira;

[Fonte: Fotos e edição elaborados pelo autor]

Figura 17 - Casa dos pescadores | Torreira;

[Fonte: Fotos e edição elaborados pelo autor]

Figura 18 - Arte Xávega;

[Fonte: <https://paulo53dazevedo2.blogspot.com/2013/08/arte-xavega-furadouro.html>]

Figura 19 - Regata de Moliceiros | Torreira;

[Fonte: <https://ahcravo.com/2013/06/20/regata-moliceiros-2013/>]

Figura 20 - Vista do Exterior | Restaurante Sal Poente;

[Fonte: <https://salpoente.pt/quem-somos/>]

Figura 21 - Vista do exterior | Restaurante Sal Poente;

[Fonte: <https://salpoente.pt/quem-somos/>]

Figura 22 - Vista do interior | Restaurante Sal Poente;

[Fonte: <http://salpoente.pt/quem-somos/>]

Figura 23 - Vista do interior | Restaurante Sal Poente;

[Fonte: <http://salpoente.pt/quem-somos/>]

Figura 24 - Vista do exterior da Carpintaria de São Lazaro;

[Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/918489/carpintaria-sao-lazaro-filipe-borges-de-macedo>]

Figura 25 - Vista do terraço da Carpintaria de São Lazaro;

[Fonte: <http://www.timeout.pt/lisboa/pt/noticias/carpintarias-de-sao-lazaro-um-polo-cultural-com-vistas-incriveis-para-a-cidade-012419>]

Figura 26 - Vista sobre a escada helicoidal da Carpintaria de São Lazaro;

[Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/918489/carpintaria-sao-lazaro-filipe-borges-de-macedo>]

Figura 27 - Vista sobre a escada helicoidal da Carpintaria de São Lazaro;

[Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/918489/carpintaria-sao-lazaro-filipe-borges-de-macedo>]

Figura 28 - Vista sobre a escada helicoidal da Carpintaria de São Lazaro;

[Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/918489/carpintaria-sao-lazaro-filipe-borges-de-macedo>]

Figura 29 - Vista do Interior | Restaurante Dóri;

[Fonte: <http://www.margres.com/pt/prj/restaurante-dori/13155>]

Figura 30 - Vista do Interior | Restaurante Dóri;

[Fonte: <https://www.margres.com/pt/prj/restaurante-dori/13155>]

Figura 31 - Vista do Interior | Restaurante Dóri;

[Fonte: <http://www.margres.com/pt/prj/restaurante-dori/13155>]

Figura 32 - Vista do Interior | Restaurante Dóri;

[Fonte: <http://www.margres.com/pt/prj/restaurante-dori/13155>]

Figura 33 - Vista do exterior | Café da Praia;
[Fonte: Fotos e edição elaborados pelo autor]

Figura 34 - Vista do exterior | Café da Praia;
[Fonte: Fotos e edição elaborados pelo autor]

Figura 35 - Vista do exterior | Café da Praia;
[Fonte: Fotos e edição elaborados pelo autor]

Figura 36 - Vista do exterior | Café da Praia;
[Fonte: Fotos e edição elaborados pelo autor]

Figura 37 - Estatua da Varina;
[Fonte: Fotos e edição elaborados pelo autor]

Figura 38 - Vista aérea | Sobre a zona onde o lote se insere | Torreira;
[Fonte: <http://portugalfotografiaaerea.blogspot.com/2015/04/torreira.html>]

Figura 39 - Vista sobre a zona onde o lote se insere | Torreira;
[Fonte: Fotos e edição elaborados pelo autor]

Figura 40 - Vista sobre a zona onde o lote se insere | Torreira;
[Fonte: Fotos e edição elaborados pelo autor]

Figura 41 - Vista exterior do lote escolhido;
[Fonte: Fotos e edição elaborados pelo autor]

Figura 42 - Vista exterior do lote escolhido;
[Fonte: Fotos e edição elaborados pelo autor]

Figura 43 - Vista exterior do lote escolhido;
[Fonte: Fotos e edição elaborados pelo autor]

Figura 44 - Existente | Planta do Rés do Chão;

[Fonte: Planta e edição elaborados pelo autor]

Figura 45 - Existente | Planta do Piso 1;

[Fonte: Planta e edição elaborados pelo autor]

Figura 46 - Existente | Alçado Oeste;

[Fonte: Alçado e edição elaborados pelo autor]

Figura 47 - Existente | Alçado Sul;

[Fonte: Alçado e edição elaborados pelo autor]

Figura 48 - Existente | Alçado Norte;

[Fonte: Alçado e edição elaborados pelo autor]

Figura 49 - Axonometria Isométrica;

[Fonte: Axonometria e edição elaborados pelo autor]

Figura 50 - Alterações | Planta do Rés do Chão;

[Fonte: Planta e edição elaborados pelo autor]

Figura 51 - Alterações | Planta do Piso 1;

[Fonte: Planta e edição elaborados pelo autor]

Figura 52 - Palheiros | Costa Nova;

[Fonte: <http://litoralmagazine.com/porque-razao-as-casas-da-costa-nova-sao-as-riscas/>]

Figura 53 - Desenho ilustrativo | Arte Xávega;

[Fonte: <http://sesimbraepeixe.pt/?p=51>]

Figura 54 - Conceito/Analogia | Barco/Cais | Velho/Novo

[Fonte: Perspetiva e edição elaborados pelo autor]

Figura 55 - Mural | Arte Xávega | Torreira

[Fonte: Fotos e edição elaborados pelo autor]

Figura 56 - Intervenção | Planta do Rés do Chão;

[Fonte: Planta e edição elaborados pelo autor]

Figura 57 - Intervenção | Planta do Piso 1;

[Fonte: Planta e edição elaborados pelo autor]

Figura 58 - Intervenção | Planta do Piso 2;

[Fonte: Planta e edição elaborados pelo autor]

Figura 59 - Renders - Alucobond | Madeira de Pinho Carbonizada e ao Natural;

[Fonte: Renders e edição elaborados pelo autor]

Figura 60 - Render - Revestimentos do chão;

[Fonte: Renders e edição elaborados pelo autor]

Figura 61 - Corte explicativo da reestruturação da estrutura;

[Fonte: Corte e edição elaborados pelo autor]

Figura 62 - Axonometria Isométrica | Alçados da escada helicoidal;

[Fonte: Axonometria e Alçados e edição elaborados pelo autor]

Figura 63 - Exemplo de salamandra suspensa;

[Fonte: <http://larissacarbonearquitetura.blogspot.com/2014/05/lareiras-francesas-focus-na-artefacto.html>]

Figura 64 - Render - Escada helicoidal;

[Fonte: Renders e edição elaborados pelo autor]

Figura 65 - Esquemas do funcionamento dos brises-soleil;

[Fonte: Esquemas e edição elaborados pelo autor]

Figura 66 - Esquemas do funcionamento das janelas pivotantes;

[Fonte: Esquemas e edição elaborados pelo autor]

Figura 67 - Render - Alçado Sul;

[Fonte: Renders e edição elaborados pelo autor]

Figura 68 - Render - Alçado Corte;

[Fonte: Renders e edição elaborados pelo autor]

Figura 69 - Render - Alçado Oeste;

[Fonte: Renders e edição elaborados pelo autor]

Figura 70 - Render - Alçado Norte;

[Fonte: Renders e edição elaborados pelo autor]

Figura 71 - Render - Perspetiva Isométrica;

[Fonte: Renders e edição elaborados pelo autor]

1. Enquadramento do Tema

“...para quem a arquitectura tem, sobre todas as artes mais livres, a grande vantagem de nunca poder ficar divorciada da logica - pelo que é lógico que se construa no estilo da região, respeitando desta forma tradições locais e adotando processos de mão-de-obra experimentados assim como materiais circunjacentes...”¹ (Santos, 2011, pag.41)

¹ SANTOS, J. (2011). *Coleção Arquitectos Portugueses, Raul Lino*. Vila do Conde: Quidnovi.

1.1 Descrição geral

O tema abordado nesta tese foca-se naquilo que por muitos é visto como um problema. Falamos, então, dos novos territórios “sem história”, isto é, zonas novas de construção recente, construídas sem qualquer critério, que não se relacionam com tradições locais, ignorando pré-existências e referências culturais. Devido ao crescimento da população na zona litoral, e ao aumento do turismo, adotaram-se políticas de construção com uma visão economicista da arquitectura, que já na 1ª metade do século passado mereceram as críticas de Raúl Lino,

“Lino, para quem a arquitectura tem, sobre todas as artes mais livres, a grande vantagem de nunca poder ficar divorciada da logica - pelo que é lógico que se construa no estilo da região, respeitando desta forma tradições locais e adotando processos de mão-de-obra experimentados assim como materiais circunjacentes - critica a arquitectura que desconhece fronteiras e latitudes e que despreza até a diferenciação dos destinos. Insurge-se contra uma arquitectura de «passe-partout», de resto adversa às casas genuinamente portuguesas, que não gritam nem se acotovelam para atrair as atenções de quem passa”² (Santos, 2011, p.41)

Posto isto, é importante mencionar que não nos devemos prender ao passado. Devemos sim inspirarmo-nos no passado adaptando-o ao presente. Seguindo a direção proposta pelo Regionalismo Crítico, prática da arquitectura que tem como principal propósito o combate à universalização e à falta de identidade do estilo internacional. Há procura conciliar os valores locais com uma arquitectura contemporânea. A expressão “regionalismo crítico” foi mencionada, pela primeira vez, pelos teóricos da arquitectura Alexander Tzonis e Liane Lefavre e, com um significado ligeiramente diferente, no qual me vou focar, pelo teórico-historiador Kenneth Frampton, que cita no seu livro a seguinte frase de Paul Ricoeur:

“...como se tornar moderno e retornar às fontes, como reviver uma civilização antiga, adormecida e tomar parte na civilização universal”³ (Ricoeur, 1961, p.381)

Segundo Frampton⁴, o regionalismo crítico deveria considerar a arquitectura moderna de uma forma crítica, pelas suas qualidades progressistas universais, e, ao mesmo tempo, deveria valorizar a topografia, o clima, a luz e a maneira como se constrói, mais do que o aspeto puramente visual.

² SANTOS, J. (2011). *Coleção Arquitectos Portugueses, Raul Lino*. Vila do Conde: Quidnovi.

³ RICOEUR, P. (1961). *Universal Civilization and National Cultures*, in *História crítica da arquitectura moderna*. Brasil: Martins Fontes.

⁴ FRAMPTON, Kenneth. (1997). *História Crítica da Arqitetura Moderna*. São Paulo: Martins Fontes.

A cultura regional não deve ser invariável, deve sim, ser objeto de reflexão consciente. Portanto, o ideal seria um progresso aliado às origens, um passado virado para o futuro. Esta aspiração parece ir ao encontro do pensamento partilhado também por, Kenneth Frampton:

"Enquanto se opõe à simulação sentimental do vernáculo local, em certos momentos o Regionalismo crítico vai inserir elementos vernáculos reinterpretados como episódios disjuntivos dentro do todo."⁵ (Frampton, 1997, p.397)

1.2 Identificação de preocupações

Com a universalização perde-se a diversidade, tanto a nível cultural como arquitetónico, destruindo-se o carácter que define a identidade de um povo. Ora, é a nossa riqueza cultural que pode e deve ser vista como uma mais-valia, um princípio para a criação de turismo, turismo esse que traz visibilidade, criando-se assim o interesse, que dá origem à oportunidade, a qual, bem gerida, proporciona mais e melhor oferta, tanto a nível de emprego, como de serviços e atividades que, por sua vez, se tornam os alicerces para a subsistência do turismo. Para tal, devemos preservar os valores regionais, aproveitando a diversidade que satisfaz quem procura algo diferente. Assim, melhoramos a vida dos locais, e preservamos as características regionais de forma equilibrada e sustentável. Todavia esta identidade cultural não pode ser imposta por decreto e deve saber ouvir o que diz o tempo e o lugar, como faz notar outra referência da nossa arquitectura, Fernando Távora:

“Por estranhos raciocínios estabeleceu-se (é o termo) que a nossa arquitectura «tradicional» era caracterizada por um determinado número de motivos decorativos cuja aplicação seria suficiente para produzir casas portuguesas. Surgiu daqui uma nova forma de academismo, entendendo-se por tal atitude de espírito aquela para a qual a Arte pode codificar-se em formas eternas, segundo regras fixas e imutáveis. Esses homens que tanto acreditaram e tanto se prenderam com a História não souberam colher dela qualquer fruto, pois a História vale na medida em que pode resolver problemas do presente e na medida em que se torna um auxiliar e não uma obsessão.”⁶ (Távora, 1947, p.10)

Távora defende que não existe uma arquitectura nacional emanada de um espírito pátrio, mas sim uma arquitectura regional que tem a ver com as circunstâncias específicas físicas e culturais onde foi contruída, e cuja substância não se encerra em elementos decorativos nem em formas eternas e

⁵ FRAMPTON, Kenneth. (1997). *História Crítica da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Martins Fontes.

⁶ TÁVORA, F. (1947). *O problema da casa portuguesa*. Lisboa: Cadernos de Arquitectura n. °1.

imutáveis. Esta posição de respeito pela circunstância, não só procura rechaçar o academismo da linguagem do Estado Novo como a uniformização (igualmente academicista) do International Style. Assim não nos devemos prender ao passado, devemos sim renova-lo/recriá-lo, transformando-o numa ferramenta, que aliada ao progresso, o faça perdurar no tempo, mas que satisfaça em simultâneo, as vontades e necessidades do presente.

Se é certo que o desenvolvimento não se compadece, muitas vezes, com a conservação compulsiva de elementos do passado, também é certo que podemos e devemos garantir um progresso sustentável, preservando o património cultural. A questão que se levanta é como conciliar estes dois fatores, isto é, como projetar uma arquitectura com características culturais que nos remetam ao passado permitindo a inserção de elementos que atendam às aspirações atuais.

1.3 Justificação de opções estratégicas

Será possível transmitir os elementos históricos numa construção contemporânea?

Como refere Roseta,

“Integrar-se, pertencer são coisas mais sérias e profundas. De modo algum são apenas maneiras de vestir, tanto pessoas como edifícios”⁷ (Roseta, 2004, 4ª Edição, pag.XXIII)

Sendo assim, cabe-nos investigar, selecionar, e reinventar elementos históricos e culturais, adaptando-os de forma a corresponderem a um contexto atual. O nosso interesse não passa pela construção de uma réplica do passado, mas sim pelo reinventar uma zona cultural portuguesa, partindo de elementos locais, a fim de privilegiar a diferenciação que nos distingue, possibilitando a valorização patrimonial, a formação de novos destinos turísticos, a criação de novos postos de trabalho que possam proporcionar mais fontes de rendimentos, e assim ajudar a combater a centralização que, apesar de ter vindo gradualmente a tornar-se menos visível nas regiões do litoral, ainda se faz notar no nosso país⁸.

Se, por um lado, pretendemos utilizar elementos que identificam o edifício num contexto cultural, por outro não devemos atribuir a esses elementos a essência da qualidade arquitetónica da

⁷ ROSETA, H. (2004). in *Arquitectura Popular em Portugal vol.1.* (4ª edição) Lisboa: Ordem dos Arquitectos - Conselho Directivo Nacional (1ª ed.: 1961).

⁸ As assimetrias de desenvolvimento têm vindo a acentuar-se no interior face ao litoral com a crescente desertificação demográfica, mas reconhecemos que, nas regiões do litoral, tem-se verificado um desenvolvimento mais sustentado.

intervenção, como se estivéssemos a propor um receituário para que toda a construção se uniformize e se perca no processo a especificidade de cada edificação e a singularidade de cada autor.

Como refere Távora,

“Daí que em toda boa Arquitectura exista uma lógica dominante, uma profunda razão em todas as suas partes, uma íntima e constante força que unifica e prende entre si todas as formas, fazendo de cada edifício um corpo vivo, um organismo com alma e linguagem próprias.”⁹ (Távora, 1947, pag.12)

É nosso propósito que o trabalho que pretendemos desenvolver se inspire num passado virado para o futuro, isto é, pretende-se que o enquadramento do contexto histórico da região onde o projeto se insere potencie uma construção contemporânea, usando apontamentos arquitetónicos, históricos ou culturais de uma forma crítica (re)criando assim uma arquitectura coerente com a tradição local que, aliada ao progresso, demonstre a história e cultura aqui presentes evitando que se percam as origens que definem a história de um povo. Fazendo assim da nossa história, parte do nosso futuro.

⁹ TÁVORA, F. (1947). *O problema da casa portuguesa*. Lisboa: Cadernos de Arquitectura n. °1.

2. Contextualização histórica e cultural da região

2.1 Investigação histórica



FIGURA 1 - VISTA AÉREA SOBRE A RIA | TORREIRA

A Torreira é uma praia localizada no cordão litoral que separa a ria de Aveiro do mar formando uma península. Durante séculos a economia local assentou na atividade pesqueira, mas a sua condição balnear rica num vasto areal foi propiciando a procura por parte de banhistas fazendo com que os habitantes/comerciantes começassem a depender cada vez mais dos turistas e por conseguinte, o turismo passou a ser uma das principais atividades económicas da região.

Durante largo tempo, a economia local dependeu da pesca e da apanha do moliço, mas a praia viria a dar um forte impulso ao seu desenvolvimento, tendo-se mantido algumas tradições como a arte xávega e o uso dos moliceiros, agora com fins turísticos. Assim, o turismo ajudou a manter estas tradições, e as tradições ajudaram a atrair mais turismo¹⁰.

Esta região é caracterizada por um património natural único, de grande riqueza ambiental e de elevada beleza paisagística. A morfologia plana convida o visitante a tranquilos passeios, a pé ou de bicicleta, pois esta é dotada de uma ciclovia que estabelece a ligação entre a ria e o mar. Isto permite

¹⁰ Com a introdução dos adubos químicos e abertura de estradas, a ria, enquanto meio de comunicação entre os diversos concelhos que a circundam, sofreu um revés e quase se perderam os tradicionais moliceiros e mercantéis que circulavam na ria. O turismo veio dar um novo impulso, assegurando a manutenção destes barcos.

que o turista sem grandes deslocções opte pela praia junto ao mar geralmente bravo, bom para o surf, ou pelas águas tranquilas da ria, perfeita para a vela ou windsurf ou ainda para longos e tranquilos passeios de moliceiro¹¹.

Em termos culturais podemos visitar ao longo da época banhar a típica feira de artesanato e produtos regionais, assim como a feira de antiguidades. Ambas se realizam na Praça da Varina, praça principal e de acesso mais próximo à praia de Torreira.

Por fim no princípio do mês de setembro a Romaria de S. Paio da Torreira, a mais afamada e concorrida da região, que atrai, ano após ano, milhares de visitantes de todo o País, proporciona majestosas regatas de moliceiros e animadas corridas de bateiras à vela. Fogo de artifício no mar e na ria, festa pela noite dentro, avenidas cheias de turistas, feirantes e ainda as “rusgas”¹².



FIGURA 4 - AVENIDA HINTZE RIBEIRO (S. PAIO DA TORREIRA)



FIGURA 4 - FOGO DE ARTIFÍCIO (MAR) NO S. PAIO DA TORREIRA



FIGURA 4 - CARTAZ DA ROMARIA DO S. PAIO DA TORREIRA

¹¹ Moliceiro - nome dado ao barco e ao homem que o manobrava - retirava o moliço, que servia, depois, para fertilizar a terra.

¹² Grupos organizados que percorrem avenida da ria ao mar, tocando e cantando modas tradicionais arrastando consigo outros romeiros

2.2 Identificação de características culturais da região

Em termos urbanísticos, a Torreira, tal como as demais praias circundantes da ria de Aveiro, caracterizava-se, devido à abundância de dunas, pela construção palafítica, mais vulgarmente conhecida por “palheiros”, outrora usada para habitação de pescadores e de banhistas ou para o armazenamento do pescado.

A construção sobre palafita era amplamente utilizada na zona xávega, situada na costa ocidental portuguesa entre Espinho e Vieira de Leiria. Os palheiros por aqui edificados tinham o pavimento elevado do chão, o que garantia a proteção contra o vento e evitava o seu assoreamento pela deslocação das areias. A falta de pedra e de barros para adobes nesta região aliada à dificuldade de transporte nos areais, e à existência de pinhais, foi a principal razão para a utilização da madeira. Além disso, como o referido anteriormente, os palheiros encontravam-se implantados nas dunas, o que facilitava o seu estancamento, e o pinho, em contacto com o ar salino, tem a capacidade de se tornar mais resistente.

As casas, mesmo quando tinham mais de um piso, eram construídas na totalidade com madeira, desde as estacas às paredes e a cobertura. Nesta região (entre Espinho e São Jacinto) predominava o sistema construtivo de pau-a-pique, com origem no Furadouro, que se caracterizava por prumos do solo à cobertura, enterrados diretamente na areia.

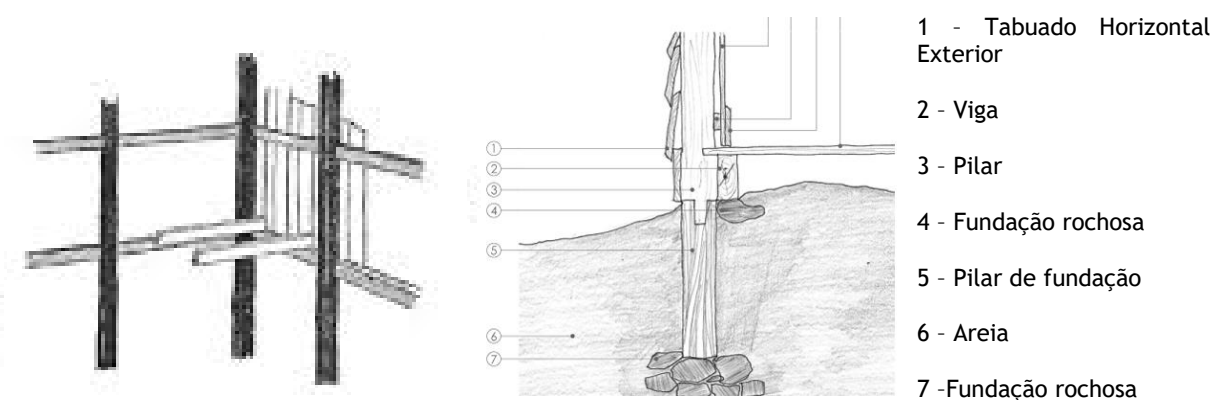


FIGURA 5 - SISTEMA DE PAU-A-PIQUE | ESTACAMENTO

A figura 5 dá-nos uma visão do sistema a pau-a-pique que consistia no entrelaçamento das madeiras verticais fixadas no solo, os pilares, com ripas de madeiras onde era fixado o tabuado horizontal exterior que dariam origem à formação de paredes. Os pilares assentavam em fundações rochosas, colocadas estrategicamente para dar mais consistência ao pilar, garantindo maior estabilidade ao imóvel (6 e 7).

O tabuado exterior era, primeiramente, aplicado na horizontal (com tabuas ligeiramente sobrepostas) e depois também na vertical (rematada com mata-juntas verticais). Inicialmente, as tábuas eram

pintadas de preto (negro-de-fumo) ou de vermelho (roxo-rei¹³), com os materiais colorantes diluídos em óleo de peixe que, particularmente nesta região, era o óleo de fígado de bacalhau¹⁴.

Os caixilhos eram pintados em tons claros (branco ou azul). Mais tarde, este tipo de pintura é abandonado, passando as tábuas a serem pintadas com duas cores de forma alternada, com variadíssimas combinações, inicialmente pintadas pelos pescadores¹⁵ e mais tarde pelas pessoas abastadas que vieram a adquirir as construções e que terão optado por este tipo de pintura na tentativa de as embelezar.



FIGURA 6 - PALHEIROS NA PRAIA DO FURADOURO | OVAR



FIGURA 7 - PRAIA DO MONTE BRANCO | TORREIRA

¹³ Roxo-Rei - Pó de ocre amarelo com que se prepara uma tinta vermelho-escura.

¹⁴ O óleo de fígado de bacalhau era outro produto de fácil acessibilidade, uma vez que as pescas de bacalhau tinham uma forte implantação na zona de Aveiro. Assim, muitos dos pescadores que partiam para as pescas do bacalhau, eram oriundos da Torreira, tendo acesso facilitado aos derivados do bacalhau.

¹⁵ De acordo com artigo de “Litoral Magazine, da Câmara Municipal de Ílhavo, acredita-se que a origem das conhecidas casas às riscas da Costa Nova, tiveram a sua origem na necessidade dos pescadores identificarem as suas casas em dias de nevoeiro ou quando estavam ébrios (ver <https://litoralmagazine.com/porque-razao-as-casas-da-costa-nova-sao-as-riscas/>)

A construção era de planta retangular, cobertura de duas águas, no início revestidas a tabuado, palha ou estorno, vindo, mais tarde, a ser substituídas por telhas.

A figura 6 dá-nos uma visão de construção de palheiro com dois pisos, geralmente usados para habitação, enquanto a figura 7 revela a construção de palheiros de um único piso, no caso, mais usados como arrecadação. Como diria Brandão,

“Diante o mar, só uma construção transitória, uma barraca, é que fica bem”¹⁶ (Brandão, 1923, pag.161)

Este tipo de construção viria a ser requalificado tal como podemos ver nas figuras 8, 9 e 10, tratando-se de casas já existentes que, tendo sido reconstruídas, mantiveram as fachadas intactas ou foram apenas restauradas.

Mais recentemente, deram início a construções cujas fachadas refletem a imagem das tradicionais casas às riscas da Costa Nova (ver figuras 11, 12 e 13)



FIGURA 8, 9 E 10 - PALHEIROS REQUALIFICADOS | TORREIRA

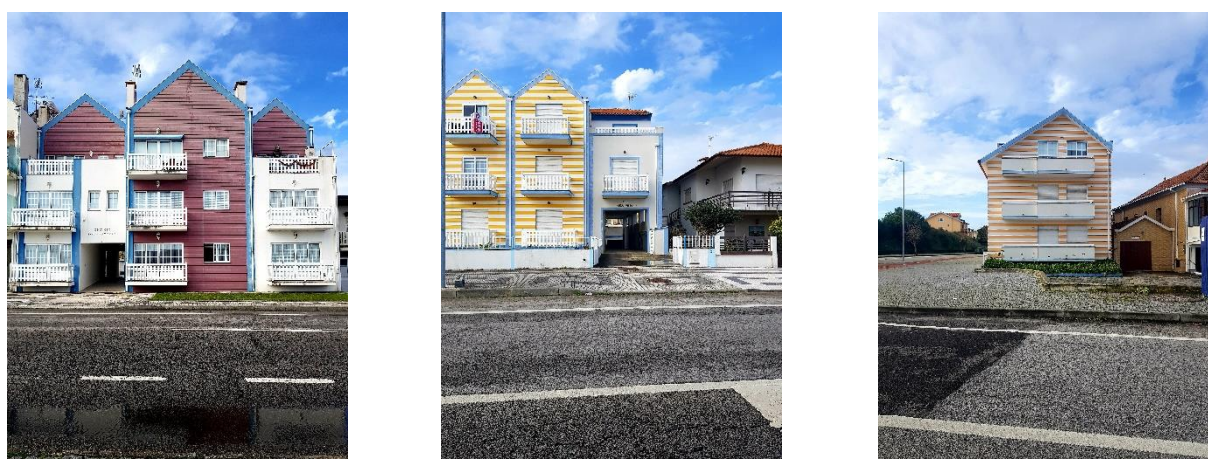


FIGURA 11, 12 E 13 - EXEMPLOS DE CONSTRUÇÃO RECENTE INSPIRADA NO PASSADO | TORREIRA

¹⁶ BRANDÃO, R. (1923) in Os Pescadores 2ª edição, 2010. Porto: Estante Editora

Em busca de melhores condições, a população Murtoseira emigrou durante muito anos, sobretudo para os Estados Unidos da América, Brasil e Venezuela, mas também dentro do território português para zonas como Cascais, Setúbal, Sesimbra, Olhão, Alcácer do Sal e praias do tejo, onde se ocupavam com a pesca e sua venda, profissões em que tinham experiência. Estes fenómenos migratórios influenciaram os modos de vida e, por inerência, a construção das habitações sazonais ou dos que, regressando à terra, traziam condições para reconstruir a sua “casinha”.

Formou-se, assim, outro género particular desta zona, as casas de alpendre, de fachada geralmente virada a sul, caiadas, com horta, jardim, poço e alpendre murado com duas colunas e telha mourisca, que mostram claramente a grande influência migratória presente nesta região (ver figuras 14). Este tipo de construção manteve-se através de emigrantes naturais de terras vizinhas que, regressando ao país, construíram aqui uma segunda habitação, e, curiosamente, mantiveram os traços daquele tipo de construção. (figura 15).



FIGURA 14 - CASA DE ALPENDRE | BUNHEIRO | MURTOSA



FIGURA 15 - CASA DE ALPENDRE | TORREIRA

Outro tipo de construção aqui presente, embora que não se possa determinar com clareza o tipo de arquitectura que a define, é o das casas dos pescadores que viriam a substituir os palheiros/ barracões deteriorados que por ali existiam. Por norma são variadas quanto ao estilo, germinadas, térreas, simples, e com telhados de duas águas, pintadas com as mais variadas cores ou revestidas com mosaico. Condiçionadas pela capacidade financeira dos seus proprietários, que muitas vezes recorrem a retalhos de materiais e a mão de obra própria, existe assim um grande contraste entre elas. Localizadas nos arredores da Torreira, estas habitações, apesar de se distanciarem um pouco do conceito de vernáculo, acabam por ter as suas parecenças, visto serem construídas pelos locais, para os locais e segundo as condicionantes dos próprios (ver figura 16), ou do Bairro Barbosa¹⁷, construído para albergar locais necessitados (figura 17).



FIGURA 16 - CASA DOS PESCADORES | TORREIRA



FIGURA 17 - CASA DOS PESCADORES | TORREIRA

¹⁷ O bairro Barbosa foi construção por privado com o objetivo de albergar famílias carenciadas. O primeiro lote de 10 casa foi oferecido a Câmara Municipal da Murtosa, em 1971 e o segundo lote de 12 casas, em 1972. O seu nome deve-se ao nome do filantropo.

A arquitectura vernacular como tantas outras presentes no nosso país, como já referido anteriormente, tem vindo a ser ameaçada pela vulnerabilidade a processos de degradação e descaracterização. Entre as causas que contribuem para estes fatores estão:

- a mudança do modo de vida das populações;
- a fragilidade associada aos edifícios vernaculares, por oposição a novos padrões de conforto e habitualidade;
- a substituição de matérias tradicionais como a madeira por outras, como a alvenaria ou o betão;
- a proliferação do turismo;
- o aumento da construção civil;
- a falta ou a tardia introdução de políticas de reabilitação urbana, e de salvaguarda do património cultural.

O turismo local também contribuiu para esta ameaça, uma vez que a pressão desta atividade deu lugar ao boom de construção, sobretudo, a partir da década de oitenta. Esta construção, na sua maioria, foi projetada por agentes não especializados, designadamente, designers que se limitavam às preocupações de rentabilizar a área de implantação, ou, na melhor das hipóteses, por engenheiros, que também assumiam a preocupação exclusiva de rentabilização máxima do edifício a construir. Os interesses económicos sobrepuseram-se às preocupações ambientais e paisagísticas, com a destruição das dunas e construção em altura sem preocupações arquitetónicas.

Como refere Roseta,

“A ligação tradicional do homem com o meio (...) Quando esta ligação se perde, perde-se também um pouco do património comum, como se se perdesse uma língua, uma cultura, um testemunho essencial da história da humanidade”¹⁸ (Roseta, 2004, pag.VI)

¹⁸ ROSETA, H. (2004). in *Arquitectura Popular em Portugal vol.1.* (4ª edição) Lisboa: Ordem dos Arquitectos - Conselho Directivo Nacional (1ª ed.: 1961).

2.3 Identificação de opções estratégicas para o sítio

É essencial definir uma estratégia para o local, sendo assim a mesma será subdividida em três partes:

- 1) O meio em que se insere;
- 2) Arquitectura existente;
- 3) Arquitectura Contemporânea.

No estudo do meio em que se insere, devemos considerar dois elementos essenciais que relacionam a terra com o homem. Deste modo, em primeiro lugar, devemos enquadrar o espaço, isto é, o que o local nos oferece ao nível dos estilos arquitectónicos dominantes, das tradições assumidas pelas populações locais e dos materiais a aplicar e, como estes podem ser aplicados no projeto de forma a criar uma relação entre o passado e o presente. Por outro lado, devemos também avaliar o estudo das condicionantes ambientais, designadamente, a orientação solar e dos ventos, tendo em conta que esta zona sofre de frequentes nortadas. Em segundo lugar, devemos considerar a quem se destina, isto é, o público alvo que, sendo esta região uma zona de praia, deverá ser constituída por os turistas nacionais ou estrangeiros.

O passado remete-nos para a nostalgia associando o desejo sentimental de regresso, provocado por lembranças de momentos felizes. Isso faz com que o mesmo tenha o seu valor acrescido, mas é preciso saber potencializá-lo, tornando-o numa mais valia, ou seja, devemos caracterizar a arquitectura que aqui existiu e identificar as circunstâncias que permitiram o seu desenvolvimento.

Por último, promover a adaptação da arquitectura que caracterizava a região à linguagem arquitectónica contemporânea, adaptando-a, na medida do possível, assegurando assim que o lote se torne num espaço significativo para quem aqui vive e uma fonte de conhecimento para quem o visita. Nesta perspectiva, procuraremos seguir o pensamento de Távora:

“A situação admite apenas a alternativa, ou seguir em frente, ou estagnar no caos em que os encontramos. Perante este dilema decidimos optar pela primeira posição, com a esperança firme de que ela é a única possível para aqueles que nasceram para aumentar ao passado algo de presente e algumas possibilidades de futuro, para aqueles para quem viver é criar alguma coisa de novo, não pelo desejo estúpido de ser diferente, mas pela imperiosa determinação da vida que não admita qualquer paragem ou qualquer estagnação sob pena de que a posteridade nos não perdoe.”¹⁹ (Távora, 1947, pag.13)

¹⁹ TÁVORA, F. (1947). *O problema da casa portuguesa*. Lisboa: Cadernos de Arquitectura n. °1.

3. Estudo sobre novas possibilidades turísticas para a região, sítio e lote

3.1 Contextualização

Como já foi referido, a Torreira é uma região com uma orografia plana que convida o visitante a longos e tranquilos passeios, a pé ou de bicicleta, à descoberta da fauna e da flora. A cargo destas possibilidades turísticas existem dois projetos a “Murtosa Ciclável” e a “NaturRia”, que aliam a conservação do património e a utilização lúdica deste pelas populações de forma ambientalmente equilibrada e sustentável. Outras atividades de interesse turístico, são a arte “xávega” -pesca do arrasto (ver figura 18), bem como, o barco moliceiro, outrora usado para a apanha do moliço com o propósito de fertilizar as terras para a agricultura.



FIGURA 18 - ARTE XÁVEGA

Com a introdução dos adubos químicos o interesse comercial pelos barcos moliceiros passou a ser garantido através do turismo que os reutilizou como ex-libris da ria, no centro de Aveiro. Na Torreira, a realidade existente entre os diversos donos dos barcos promoveu as majestosas regatas de moliceiros, sobretudo, aquando das festas do seu padroeiro, o S. Paio a 8 de setembro, que constituem uma das grandes atrações da terra, como nos retrata a figura 19.



FIGURA 19 - REGATA DE MOLICEIROS | TORREIRA

A riqueza gastronómica da região que resulta da ligação com a ria e o mar, fomenta a proliferação de restaurantes²⁰ e marisqueiras, mas também, tendo em conta a afluência de uma população mais jovem, de *takeaway*, cafés ou de *bistrôs*.

Já na área do alojamento, a região não tem grande oferta, seja pela distância a que se encontra da zona central, seja pelos preços aplicados. A existência de um casario de segunda habitação associada à procura mais centrada na necessidade de estadias relativamente longas, permitiu uma oferta de arrendamento do imobiliário existente.

3.2 Identificação de opções estratégicas para o sítio

Depois de termos estudados as potencialidades da região e a oferta existente, concluímos que seria de grande interesse para o desenvolvimento económico desta região a possibilidade de pernoitar a preços acessíveis na proximidade da zona central, ou seja, próximo da maior atração deste local, a praia e tudo o que ela envolve, o mar, a ria, gastronomia, serviços e as atrações turísticas. A tranquilidade e o contacto com a natureza são aspetos assinaláveis que esta região nos oferece, pelo

²⁰ A Torreira é famosa pelos pratos gastronómicos à base de enguias, como é o caso da caldeirada de enguias e das enguias fritas

que seria conveniente apostar numa unidade hoteleira que introduzisse o conceito de “Hostel”, tendo em conta o indicador dos preços e a atração cada vez maior de uma população jovem que busca os desportos náuticos.

Em termos de restauração não seria preciso um grande investimento, ficando-se assim pela oferta de um serviço de comidas ligeiras (rápidas) que pudesse fornecer uma nova possibilidade a quem aqui passa a caminho da praia, bem como garantir a refeição a quem aqui ficasse alojado.

No que toca a atividades além das existentes, que possam ajudar a potenciar este lote, e esta região, é notável a falta de um centro de desportos náuticos, apesar de ser existente a prática deste tipo de desportos e até de escolas nas proximidades desta região (como é o caso “Pontoste Surf School & Guest House”- Veiros; “Clube Nortada ”- Murtosa), os mesmo carecem de melhores condições, tendo este lote a possibilidade de albergar uma escola náutica e armazenar os materiais da mesma, sendo assim poderia agregar-se uma escola já existente, ou até gerar a criação de um nova escola, como também se poderia acrescentar um posto de turismo que ajudasse a publicitar as atividades turísticas existentes (“xávega”, “NaturRia”, “Murtosa Ciclável”).

3.3 Estado da Arte: estudos de caso

A seguir vamos falar sobre algumas referências estudadas ao longo desta dissertação. Falaremos então de soluções construtivas, conceitos a aplicar e ideologias.

Para tal iremos apresentar alguns exemplos práticos:

1) Restaurante Sal Poente - Aveiro



FIGURA 20 E 21 - VISTAS DO EXTERIOR | RESTAURANTE SAL POENTE

O primeiro caso de estudo que aqui trazemos embora seja construído sobre as mesmas premissas que ditam o género de construção de carácter palafita, difere quanto ao seu propósito. No presente caso falaremos de um “palheiro” do sal (figuras 20 e 21). Os “palheiros”, os armazéns que aqui vamos

retratar como caso de estudo tinham um caráter de armazenamento, uma vez que tinham como finalidade a recolha e venda do Sal. Ainda que o nosso foco se centre mais no tema de habitação, temos como intuito mostrar a preocupação e importância dada por esta requalificação no que toca à renovação e preservação do património regional.



FIGURA 22 E 23 - VISTAS DO INTERIOR | RESTAURANTE SAL POENTE

Falemos então do Sal Poente edifício caracterizado pelo tabuado na horizontal pintado de vermelho, ou roxo-rei, cor outrora usada, como já referido no capítulo anterior. Já no seu interior apesar de em menor escala, é também visível a utilização de materiais e cores que têm como base referências históricas e culturais da região, como a do restauro e por sua vez a permanência da estrutura do telhado (figuras 22 e 23).

2) Carpintaria de São Lázaro - Lisboa



FIGURA 24 E 25 - VISTAS DO EXTERIOR E DO TERRAÇO DA CARPINTARIA DE SÃO LAZARO

A Carpintaria de São Lázaro situa-se em Lisboa (figuras 24 e 25), contruída na década de 1930, considerada património industrial, e devido à sua degradação foi consumida por um incêndio no início

do séc. XXI. Mais tarde o imóvel foi comprado pela Câmara Municipal de Lisboa, que o restaurou estruturalmente, com a ideia de tornar este espaço num novo centro de Artes Contemporâneas.



FIGURA 26, 27 E 28 - VISTAS DA ESCADA HELICOIDAL DA CARPINTARIA DE SÃO LAZARO

A intervenção foi entregue a cargo do Arquiteto Filipe Borges de Macedo, que procurou interferir minimamente com a preexistência mantendo todos os elementos importantes do edifício. Este autor refere que foi sentida uma necessidade de criar um elemento ímpar, que fosse marcante ao mesmo tempo que não interferisse com o resto do espaço, situação resolvida com a escada em caracol que atravessa os diferentes pisos, e que se prolonga no mezanino sobre a sala principal²¹ (figuras 26,27 e 28). Esta escada servir-nos-á de inspiração, pela capacidade de criar um elemento singular, escultural, marcante, diferente de todo o resto, mas que ao mesmo tempo é capaz de criar uma simbiose com o espaço envolvente.

Através do aproveitamento seu terraço (figura 25), o visitante é convidado a deslumbrar-se com a vista sobre Lisboa. O círculo cinzento em torno topo da escada marca a preocupação do arquiteto em separar a intervenção do edificado pré-existente.

²¹ <https://www.archdaily.com.br/br/918489/carpintaria-sao-lazaro-filipe-borges-de-macedo>

3) Restaurante Dóri - Mercado da Costa Nova - Aveiro

O Restaurante Dóri²² localiza-se no Mercado da Costa Nova, em Aveiro, tem o peixe e o marisco como especialidades da casa. O nome do restaurante tem origem numa embarcação típica do século XIX.

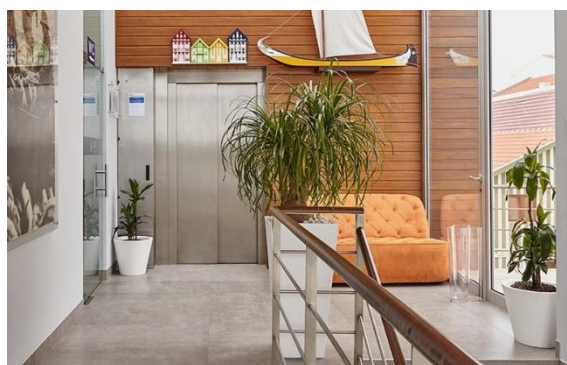


FIGURA 29, 30, 31 E 32 - VISTAS DO INTERIOR | RESTAURANTE DÓRI

Para além do nome, as referências culturais encontram-se evidenciadas no efeito ondulado do teto, nas lâmpadas suspensas por cordas semelhantes às usadas na arte da pesca, na escolha das cores em tons azulados e na aplicação de adornos alusivos à região.

²² Dóri - Pequena embarcação usada nos navios de pesca do bacalhau.

4) Café da Praia - Torreira

O café da Praia é único estudo de caso que aqui trazemos que se encontra situado na mesma localidade que o nosso edifício. Este estabelecimento foi sujeito a uma renovação no verão de 2019, renovação essa concluída já no final do mês de setembro. Apesar de não ter sido usado como objeto de estudo durante a elaboração desta dissertação, achamos por bem apresentá-lo como caso de estudo pelo simples fato de os proprietários desse imóvel terem tido a preocupação de enquadrar a construção com a sua envolvente, ainda por cima estando o edifício implantado na areia. Posto isto, e agora caracterizando um pouco o imóvel, é visível nos alçados uma silhueta que nos remete para as ondas do mar.



FIGURA 33, 34, 35 E 36 - VISTAS DO EXTERIOR | CAFÉ DA PRAIA

No seu interior o teto falso é conseguido através de uma malha de ferro com um efeito ondulado e os pontos de luz são suspensos com uma espécie de corda. O chão é elevado em relação ao nível da avenida pondo à mostra a sua estrutura, estrutura essa que funciona do mesmo modo e têm a mesma função que na construção palafita, ou seja, a de estacamento (ver figuras 33 a 36).

4. Projeto Prático

4.1 Descrição e enquadramento do sítio

O edifício escolhido localiza-se na região da Torreira, concelho da Murtosa, sito na praça da Varina²³, a zona mais central da freguesia que, dando continuidade através da Av. Hintz Ribeiro, une o mar à ria. O lote encontra-se na primeira linha de edificados a seguir à praia. É rodeado por edifícios tanto de habitação como de serviços, geralmente sendo os pisos do R/C de serviços e os superiores de habitação. Os serviços presentes nesta zona são em grande maioria cafés, restaurantes, confeitarias ou lojas de conveniência. Como foi referido anteriormente, este edifício encontra-se virado a sudoeste com a maior fachada orientada para poente, na primeira linha de edificados em frente à praia, sendo privilegiado com a vista sobre a mesma, tornando-o especial pela sua localização.



FIGURA 37 - ESTATUA DA VARINA

²³ Praça da Varina deve o seu nome à estátua, da autoria do escultor José João Brito, que homenageia as valorosas mulheres que, de canastra à cabeça, calcorreavam as ruas na venda do peixe.



FIGURA 38, 39 E 40 - VISTAS SOBRE A ZONA ONDE O LOTE SE INSERE

4.2 Definição e justificação do programa

Através da partilha de pensamentos e ideias com o dono do edifício e com outras pessoas que tão bem ou melhor conhecem esta região, depois de uma procura e investigação a respeito da oferta que esta região dispõe optámos pela permanência do programa existente, mas com conceitos ligeiramente diferentes. Desta forma e de acordo com a nossa proposta, o edifício passaria a ser um hostel em vez de uma pensão, com bistrô-bar de comidas rápidas em vez de um restaurante, agregando uma escola náutica no antigo armazém localizado a norte do edificado.

Este novo projeto teve em conta o facto de o edifício existente albergar já uma pensão e um café com serviço de restauração. Assim e após um breve estudo de mercado que nos permitiu verificar que a zona dispõe apenas de dois hotéis que, para além dos preços se encontram deslocados da zona central, propusemos o conceito de Hostel por promover uma diversificação da oferta, com preços mais competitivos e vocacionada para um público alvo jovem. A existência de um Bistrô, complementado com uma escola náutica, oferece uma maior oferta de atividade aos seus ocupantes. Este conceito promove a criação de uma pequena comunidade, onde existe a partilha de espaços, como os quartos ou camaratas, salas de estar, balneários e cozinha, e parte de um ideário assente em experiências e valores, que se pode considerar adequado à geração Z²⁴.

Não deixámos, todavia, de considerar a possibilidade de dispor de quartos privativos, com instalações sanitárias próprias, e, acima de tudo, criar espaços mais acessíveis e interativos que um hotel.

O facto do lote se encontrar junto ao mar e, por inerência, num lugar de muita circulação de pessoas, sobretudo em época balnear, com bares de praia e muita atividade noturna, faz com que este espaço não seja o mais recomendável para quem procura um sítio tranquilo e silencioso, mas torna-o particularmente atrativo para as camadas mais jovens, pelo que a opção hostel coloca os serviços e as ofertas em sintonia com o ambiente vivido. Por outro lado, os preços mais baixos do que os praticados em regra pelos hosteis fomentam uma aposta de maior atratividade para a região.

A escolha do bistrô²⁵-bar complementa esta ideia de modernidade por se tratar de uma importação relativamente recente de um conceito francês, que de alguma forma é idêntico ao das tradicionais casas de pasto portuguesas que são caracterizadas pela cozinha tradicional a baixo custo em espaços pequenos.

Por outro lado, tivemos em conta a oferta existente na envolvente do edifício, já que esta é por si muito vasta e diversificada, havendo as opções tradicionais, de comidas típicas da região, como marisqueiras também elas relacionadas com a prática piscatória aqui existente, e ainda

²⁴ Geração dos nascidos na década de noventa

²⁵ O Bistrô é um género de restaurante pequeno com cardápio a preços acessíveis e cozinha caseira que se popularizou na França a seguir à segunda guerra mundial. Este conceito mundializou-se e sofreu alterações uma vez que a cozinha passou a incorporar refeições rápidas e de baixos custos.

churrasqueiras, hamburguerias, gelatarias, cafés dos mais variados possíveis. Assim sendo, considerámos não ser necessário um grande investimento num restaurante, reduzindo o existente a um conceito de bistrô-bar, de comidas ligeiras que possa servir quem aqui passe a caminho da praia ou os próprios residentes do hostel, apesar dos mesmo terem à sua disposição uma cozinha partilhada. A cozinha partilhada tem a particularidade de ser usada como os proprietários assim o entenderem, visto ter a opção de poder ser isolada do resto da sala de refeições, podendo os proprietários condicionar, consoante a ocupação do hostel, a sua utilização, estabelecendo horários de funcionamento, ou simplesmente tornando-a privada para seu uso ou para complemento do bistro-bar, no caso de almoços ou jantares de grupo.

O edifício agrega ainda um espaço na zona norte que era usado como arrecadação, a que quisemos dar outra valia. Uma vez que a localização do imóvel se encontrar junto ao mar e se nota a carência de uma escola, ou de um sítio para albergar uma escola náutica (surf, windsurf, bodyboard), considerámos a hipótese de desenhar um espaço que permitisse a sua instalação. Sendo esta região rodeada de água, tendo um mar agitado a poente para a prática de surf, e a nascente uma ria calma, para a prática de windsurf, verificámos a insuficiência de oferta deste tipo de serviços.

Em resumo, estando este lote virado a mar, e a 15 minutos a pé da ria e, tendo em conta que o projeto englobava já a construção de um hostel e de um bistrô, a inclusão de um espaço que pudesse vir a constituir-se como uma escola náutica proporcionava-nos uma complementaridade ideal para a rentabilização do espaço, melhorando a oferta existente na região para turistas nacionais ou internacionais.

As escolhas acabam por ser todas direcionadas para a mesma ideia, a de que é possível arranjar uma forma de tornar um espaço rentável e complementar outros tipos de negócio. Sem interferir com o existente melhorando a qualidade de vida dos habitantes e aumentando a oferta para os turistas.

4.3 Definição, descrição e justificação da estratégia de projeto

Como é fácil de entender a cultura marinhoa desta região encontra-se refletida nos usos e costumes das suas gentes, nas práticas ancestrais das pescas, na gastronomia, bem como nos traços arquitetónicos que derivam da topografia da região, do mar a poente e da ria a nascente. Existem referências que nos remetem para esse estilo de vida, como as embarcações típicas ancoradas ao

largo da ria, (Moliceiros)²⁶, os pescadores e as suas habitações, a arte xávega (pesca do arrasto)²⁷, os tributos como a estátua da Varina, ou os murais feitos em mosaico que transmitem as vivências de então, e até a própria gastronomia onde a enguia é rainha. São notáveis as características culturais que tornam esta região singular, mas no que toca ao património imóvel verificamos uma perda identitária que ocorreu, sobretudo a partir da década de oitenta, com uma pressão imobiliária a privilegiar uma arquitectura universalista que não respeitou os traços arquitetónicos ancestrais, nem protegeu a riqueza natural das suas dunas.

Daqui nasce a preocupação que nos leva à execução desta dissertação. Assim, procuraremos através de um projeto prático, apresentar a ideia de lugar, a percepção que nos é revelada por aquilo que certo local nos oferece.

Tendo em vista os pressupostos do projeto, começámos por fazer um levantamento dos traços culturais e arquitetónicos que, apesar de terem sido menosprezados ou até mesmo destruídos ao longo do tempo, ainda são perceptíveis quer através de edifícios reabilitados, pela documentação existente que nos revelou o modo de construção.

4.4 O lote

O lote escolhido não tem qualquer valor histórico ou arquitectura de referência, deixando-nos neste campo à vontade na forma como poderemos intervir. Todavia, devemos referir os constrangimentos que nos apresentou devido ao facto de já se encontrar para lá da zona de proteção da linha costeira. Assim, a construção existente não deverá ser demolida sob pena de perdermos o lote, e também não poderá a área de construção ser aumentada.

Em termos construtivos o edifício é caracterizado por uma estrutura madeira, com as paredes constituídas por blocos de cimento, e a caixilharia em alumínio lacado a castanho salvo na explanada que terá sido coberta posteriormente e onde os alumínio são lacados a branco. As paredes tanto interiores como exteriores são todas pintadas a branco, com adornos a verde.

²⁶ Por terem aspeto idêntico os mercantéis quase desapareceram ou são conotados com os moliceiros. Para além dos moliceiros, encontramos ainda uma diversidade de bateiras, das quais a mais predominante é a bateira chinchorra por utilizar a arte da chinha, isto é, uma arte piscatória que utiliza uma rede de arrasto (ver em https://www.e-cultura.sapo.pt//patrimonio_item/10111)

²⁷ Com os tradicionais barcos de mar, que têm a particularidade de serem constituídos por duas “proas” com pequenos cobertos para combater a ondulação marítima (ver em https://www.e-cultura.sapo.pt//patrimonio_item/10111)

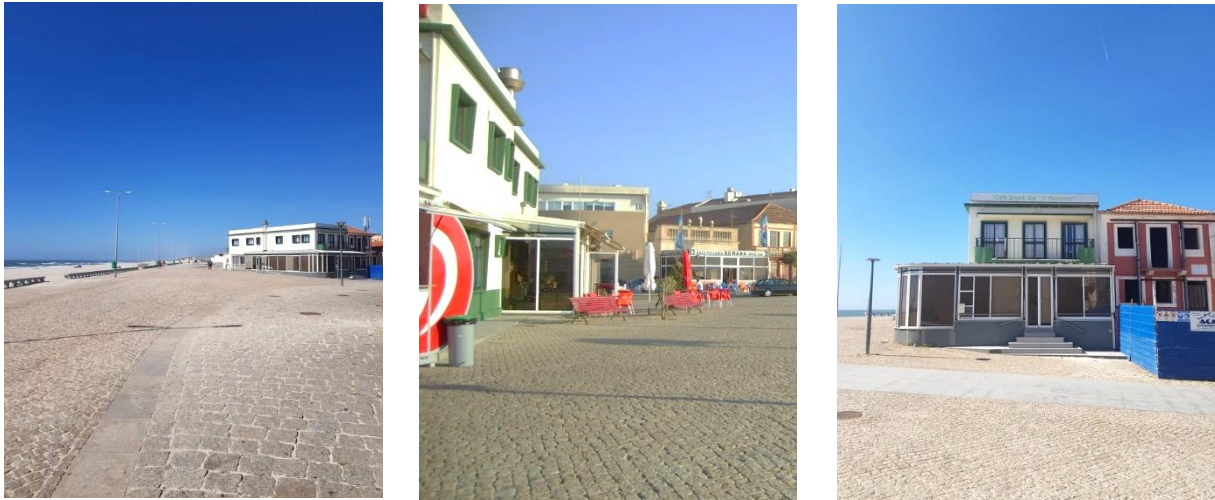


FIGURA 41, 42 E 43 - VISTAS DO EXTERIOR DO LOTE ESCOLHIDO

Na figura 41, 42 e 43 podemos observar a localização do lote com a fachada orientado para o largo da Varina, a sul (figura 43) e a lateral direita virada a poente (figura 42)

No que toca à organização espacial, este edifício possui dois andares, sendo o primeiro (Figura 44) definido por uma cafetaria e uma sala de refeições, existindo a dividir estes dois espaços um bloco central constituído pela cozinha, copa, e balcão de serviço à cafetaria.

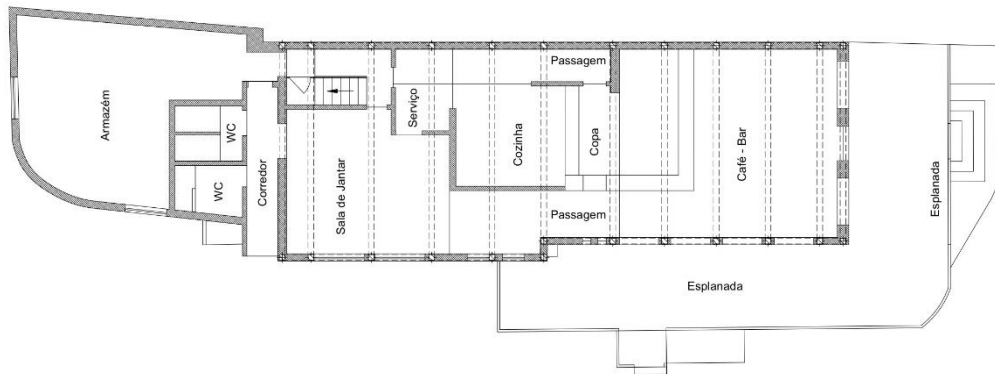


FIGURA 44 - EXISTENTE | PLANTA DO R/C | S/ESCALA



O segundo piso (Figura 45) é composto por cinco quartos duplos todos eles com quartos de banho privativos, e por fim ainda uma zona privativa que, em tempos, teria servido de habitação dos proprietários.

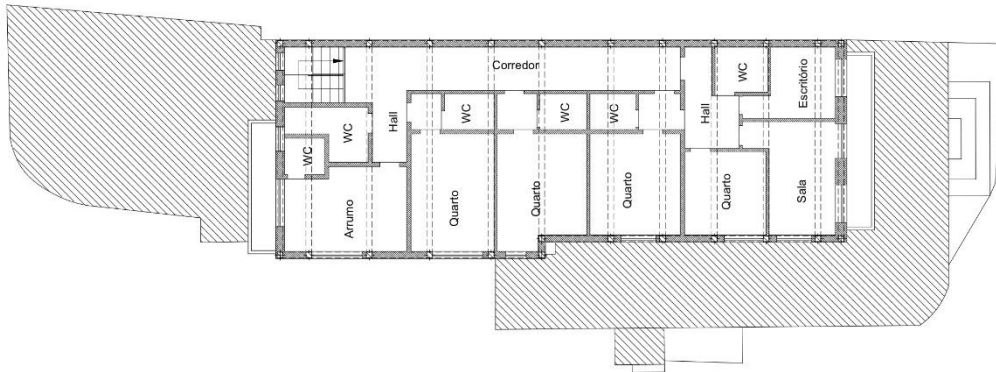


FIGURA 45 - EXISTENTE | PLANTA DO PISO 1 | S/ESCALA



FIGURA 46 - EXISTENTE | ALÇADO OESTE | S/ESCALA

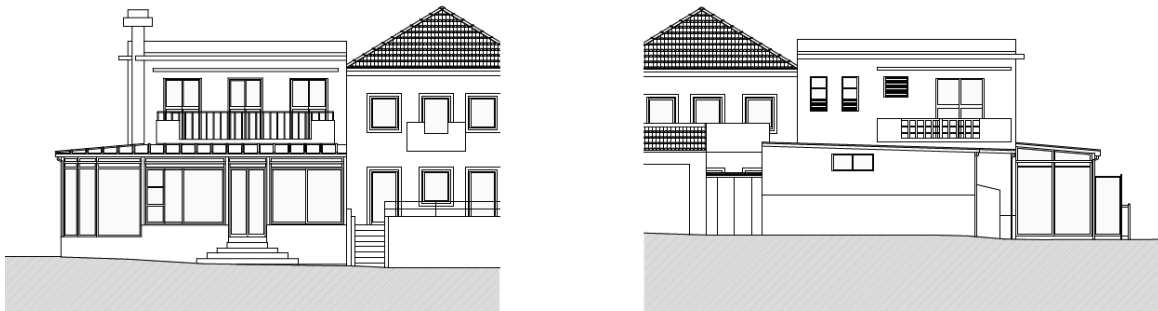


FIGURA 47 E 48 - EXISTENTE | ALÇADO SUL E NORTE | S/ESCALA

Depois de refletir sobre a definição do programa escolhido e de analisar a organização espacial do edifício, tendo presente os constrangimentos quanto à manutenção das paredes exteriores, considerámos que o seu espaço interior constituiria um desafio uma vez que o nosso desejo passa por tornar este espaço mais fluido, de livre circulação, tendo em conta que será sujeito, devido à sua localização, a uma entrada e saída constante de pessoas.

Será ainda proposto o aumento de um andar, neste caso absorvido pela cobertura, que será alterada para um telhado de duas águas, surgindo assim um mezanino que acolherá uma camarata, e aproximando a silhueta do edifício à de uma casa tradicional palafita.

4.5 Distribuição do programa

Logo à partida surgiu-nos o problema de como inserir os conceitos e o próprio programa, ao mesmo tempo que tentamos manter a estrutura exterior do edificado, aproveitando à área existente. De início, o fato deste projeto estar dependente da conservação das paredes exteriores afigurou-se como um problema que, com o passar do tempo e com os estudos realizados, nos levou ao aperfeiçoamento do conceito e do programa pretendidos.

A proposta é definida por um edifício, de dois andares, onde será acrescentado um piso através do aproveitamento da cobertura, uma esplanada coberta e ainda um armazém a norte. O seu programa será definido deste modo:

- no piso térreo, pelos espaços mais acessíveis/públicos, como o bistrô-bar, sala de refeições e, no armazém, a criação de condições para a instalação futura de uma escola náutica,
- no primeiro piso, pelas divisões mais privadas do hostel, como os balneários, os quartos duplos, e ainda o espaço comum,
- no segundo e último andar, pelo mezanino, onde se formará a camarata.

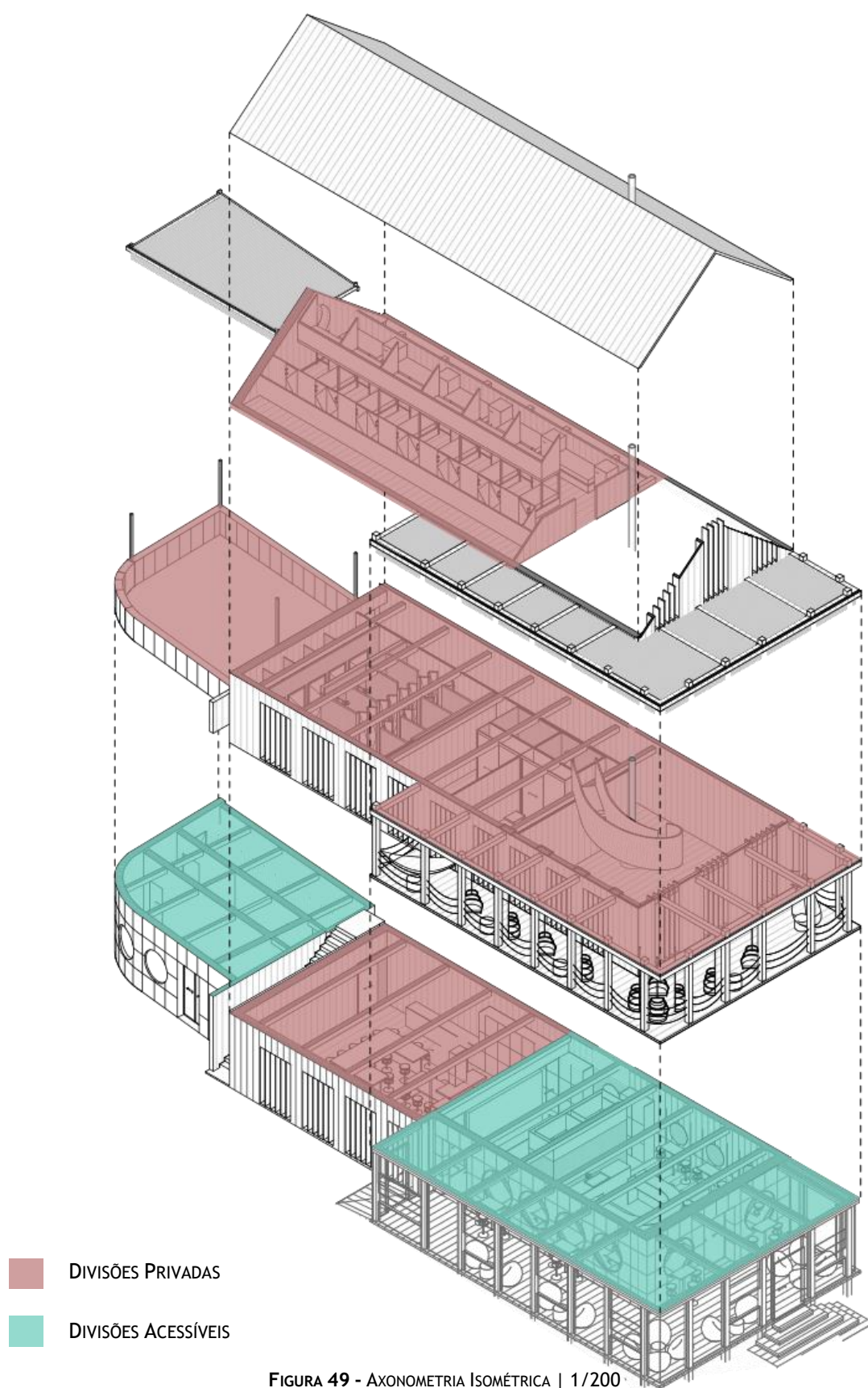


FIGURA 49 - AXONOMETRIA ISOMÉTRICA | 1/200

4.5.1 Restruturação do edificado

O volume mantém-se confinado pelas suas paredes exteriores, exceto as paredes do primeiro piso no alçado Sul e do lado direito do alçado Oeste depois da quebra existente (ver circulo da Figura 50) em que o propósito de tirar essa quebra se deve ao facto de este piso ser todo pertencente ao hostel, mantendo-se essa quebra só no piso térreo (circulo da Figura 50) entre o bistro-bar e o começo do hostel - neste caso a cozinha e sala de refeições- pois pretende-se que exista uma distinção dos serviços que o edifício dispõe através dos seus alçados, como mais à frente será explicado.

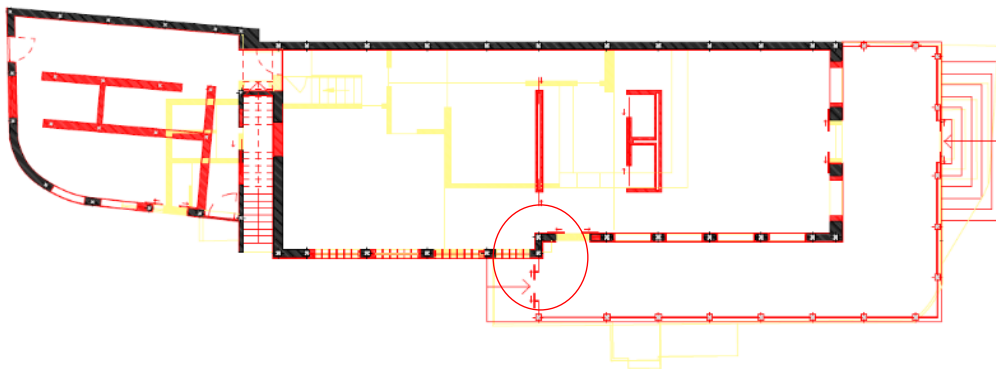


FIGURA 50 - ALTERAÇÕES | PLANTA DO R/C | S/ESCALA

Os vãos que, apesar de na sua grande maioria manterem as mesmas larguras, serão alterados nas alturas de forma a melhorar a luminosidade no seu interior, indo ao encontro do conceito de tabuado vertical aplicado nos palheiros. As lajes tal como a estrutura são mantidas. A esplanada será toda ela refeita, e no antigo armazém, a cobertura será renovada pois será aproveitada como espaço de lazer do hostel.

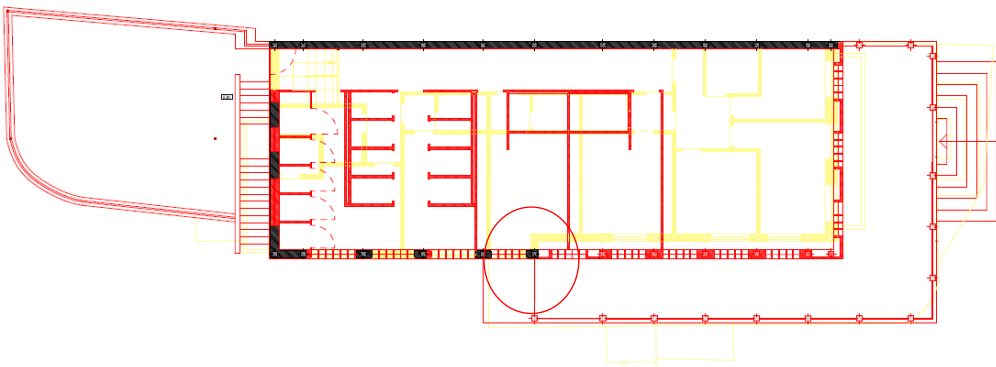


FIGURA 51 - ALTERAÇÕES | PLANTA DO PISO 1 | S/ESCALA

O acesso vertical ao primeiro piso será construído de novo pelo exterior do edificado, localizado entre o armazém e a sala de refeições, tornando a entrada para esta zona do hostel mais privada.

4.6 Conceito e intenção da proposta

Em resultado da pesquisa e análise do edifício, e da preocupação com o programa pré-definido, chegou-se ao objetivo principal, que passa por tornar este edificado num espaço significativo para quem aqui passe. Ou seja, pretende-se que através das escolhas conceptuais, o edifício faça transparecer um pouco da cultura regional.

Assim o foco passa por acolher registos pontuais da cultura da região, introduzidos de uma forma conceptual. Falamos de traços da cultura palafita, náutica, marítima e balnear.



FIGURA 52 - PALHEIROS | COSTA NOVA

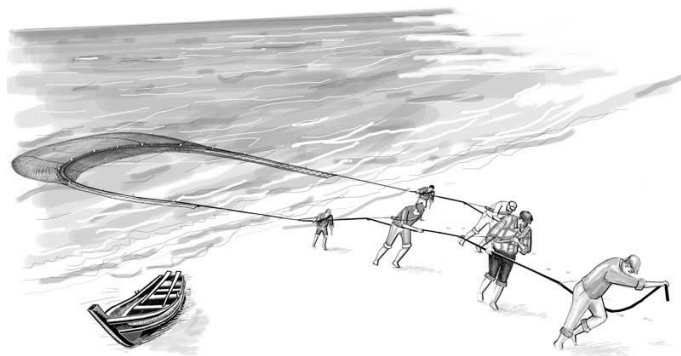


FIGURA 53 - DESENHO ILUSTRATIVO | ARTE XÁVEGA

Em termos conceptuais o edifício comporta-se como uma espécie de casulo (casca), em que o casulo abriga a larva, da mesma forma que o edifício que deveria ser velho abriga algo que é renovado.

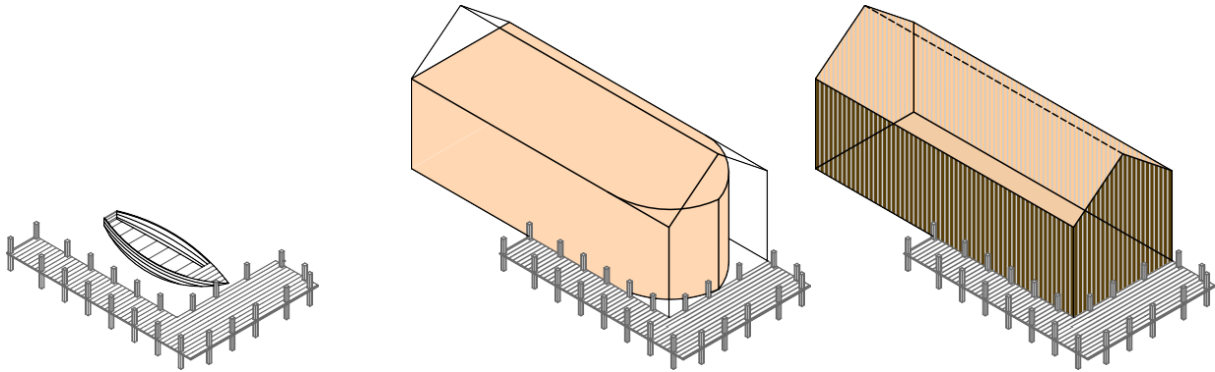


FIGURA 54 - CONCEITO/ANALOGIA | BARCO/CAIS | VELHO/NOVO

Uma vez que o edifício se encontra “ancorado” à beira mar, e ainda que, na nossa opinião, o mesmo se encontre “encalhado” devido à sua arquitectura e programa estarem descontextualizados, tornando-o vulgar e até incomodativo, propõe-se que encarne esta forma crítica ao mesmo tempo que integre a cultura da região.

Portanto, a primeira imagem da figura 54, remete-nos para a ideia de barco ancorado por se encontrar à beira mar, enquanto a segunda imagem nos dá a perspetiva desta analogia com a segunda ideia de “encalhado” pelo facto do edifício encerrar uma arquitectura descontextualizada. A terceira imagem transmite-nos a ideia de casulo, através da analogia de velho que abriga o que está a nascer, pelo que o seu exterior é apresentado em tons escuros e o interior em tons claros.

Sendo assim, o seu interior, em termos formais e espaciais, comportar-se-á como uma embarcação, ancorada no alpendre, remetendo para as típicas casas de alpendre espalhadas por esta zona. Falamos então da construção palafita, sublimando a arquitetura desajeitada que proliferou nesta região.

Resumindo o desejo passa por reedificar o passado, criticando presente e acrescentando algo de futuro.

4.6.1 Opções técnicas

Estas analogias apresentam-se quer através da forma e da organização espacial do edifício, quer através da sua materialização, como a seguir será explicado.

Quanto à forma e organização espacial do edifício, o mesmo comporta-se da seguinte maneira:

- 1) na entrada mais a Sul deparamo-nos com a explanada, construída sobre pilares do tipo estacamento e revestida toda ela com ripado de madeira transportando-nos para a ideia de cais;
- 2) seguidamente entramos no edifício e encontramos o bistrô-bar, com um balcão em forma de proa, janelas circulares que nos remetem para as embarcações que vemos ao largo da costa; os candeeiros suspensos com cordas de nylon que representam um dos muitos materiais usados pelos pescadores no seu ofício. Na parede cega do lado Este encontramos painéis circulares de mosaico hidráulico, mosaicos esses que serão usados para expor as vivências de outra hora, um costume já por aqui praticado, e que pode ser visto através de murais ao longo desta região.
- 3) Continuamente encontramos um bloco central que faz a divisão do bistrô para o começo do hostel, bloco esse que é dividido em duas partes: a) o Wc misto; b) a recepção ao hostel que se encontra a par com entrada a Oeste que este edifício também dispõe, proporcionando ao hospede uma entrada mais cómoda.



FIGURA 55 - MURAL | ARTE XÁVEGA | TORREIRA

- 4) A Norte ainda no piso térreo, começamos a explorar o hostel, com uma sala ampla, com a possibilidade de separar a zona de confeção da zona de refeições, este espaço tende a funcionar como um só, ora pela cozinha partilhada, ora pelas mesas de refeição contínuas e os arrumos de livre acesso, decisões que procuram incutir aos seus ocupantes a partilha de espaço e vivências, indo assim ao encontro do conceito de hostel.

- 5) Na parte mais a Norte do projeto entramos no antigo armazém requalificado, passando agora albergar uma escola náutica definida por cinco espaços, sendo eles, a loja propriamente dita com um pequeno armazém agregado, um corredor a Este com a sua parede revestida com arrumos que serão usados tanto pela escola náutica como pelos próprios serviços do hostel, e ainda um wc de serviço à escola e uma lavandaria de serviço ao edifício. Este espaço é tratado da mesma forma que o bistrô-bar, como a seguir será explicado, revestido por fora com alucobond, por dentro com contraplacado marítimo e contendo também as janelas circulares.

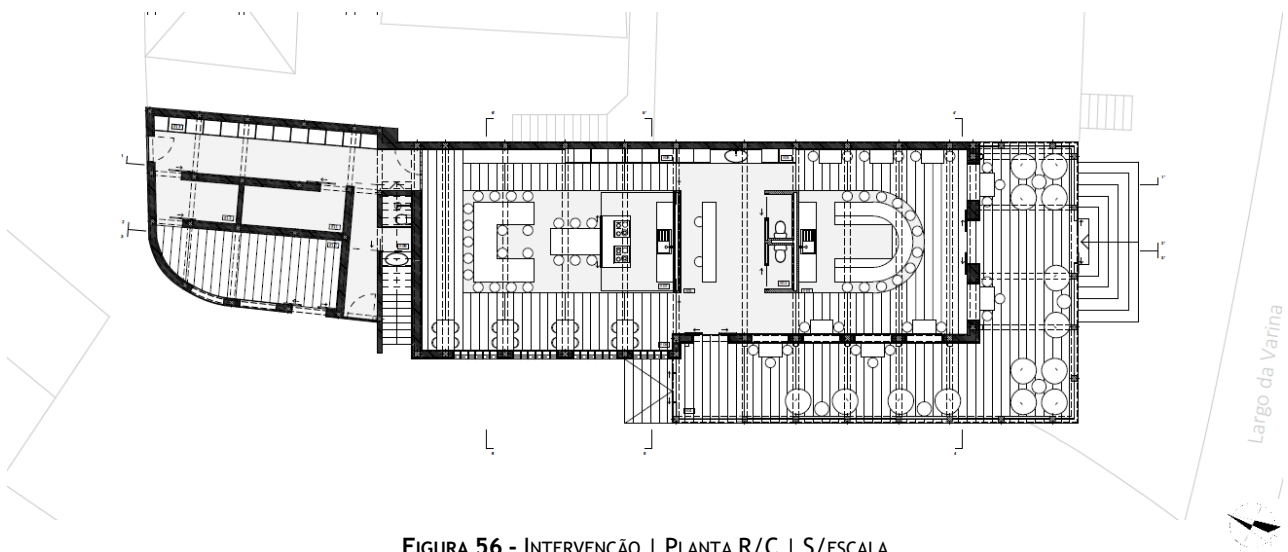


FIGURA 56 - INTERVENÇÃO | PLANTA R/C | S/ESCALA

- 6) Saímos então do edifício e a Oeste, entre a escola e a zona de refeições, deparamo-nos com o acesso vertical ao primeiro piso, onde o mesmo albergará a parte mais privada do hostel.
- 7) Subindo então para o primeiro piso, encontramos ainda no seu exterior uma pérgula que ocupa quase na totalidade o terraço da escola, que poderá ser usada pelos hóspedes, como poderá ali ser colocado um ponto de vigia para o mar.
- 8) Entrando no edifício encontramos à entrada os balneários, com wc e banheiros, sendo que devido ao espaço reduzido, se optou por serem mistos.
- 9) Seguidamente surgem os dois quartos duplos, dando assim ao hospede a opção de ter um espaço privado para pernoitar.

- 10) Ao fundo do corredor encontramos o espaço comum do hostel, espaço que se organiza em volta da escada helicoidal e de uma salamandra suspensa. Esta escada acaba por ter uma importância singular no edifício, visto ser materializada de uma forma diferente de todo resto, como se de uma escultura se tratasse, e por isso, ter essa importância no espaço, fazendo com que todo o resto se organize em função da mesma.

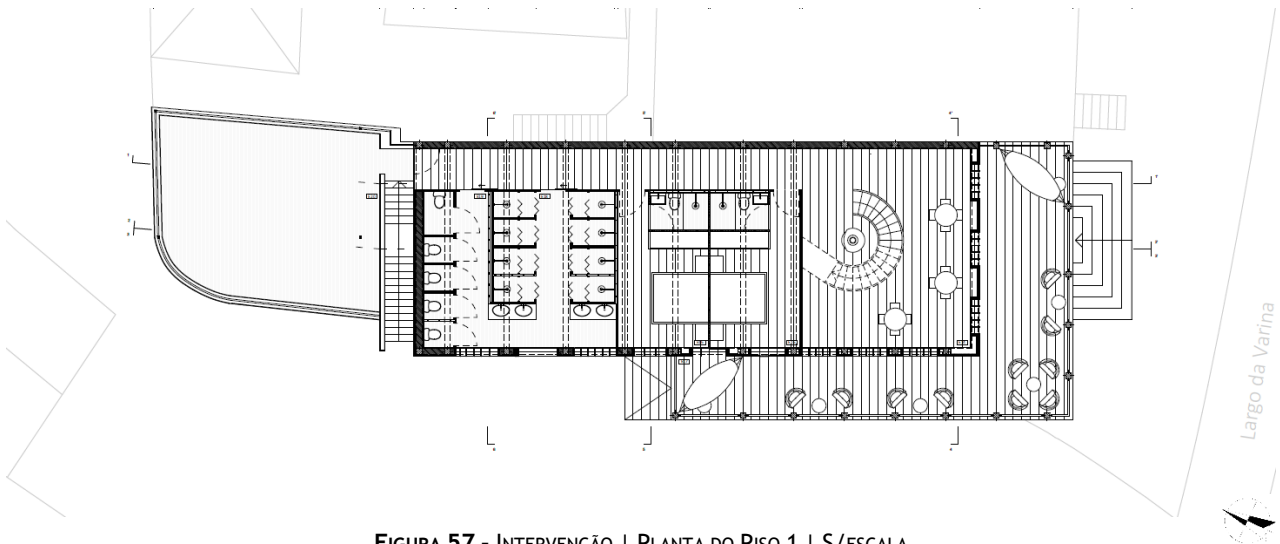


FIGURA 57 - INTERVENÇÃO | PLANTA DO PISO 1 | S/ESCALA

- 11) Esta escada foi contruída por causa do acrescento do último piso em mezanino, passando este edifício a ter uma cobertura de duas águas em vez de uma cobertura plana, e que será ocupado por uma camarata. Este espaço organiza-se através de um corredor central que divide os beliches das camas de solteiro. Desta forma conseguimos rentabilizar o edifício ao mesmo tempo que materializamos os aspetos concetuais, evocando a silhueta de uma típica casa com um telhado de duas águas como outrora eram usadas nesta região.

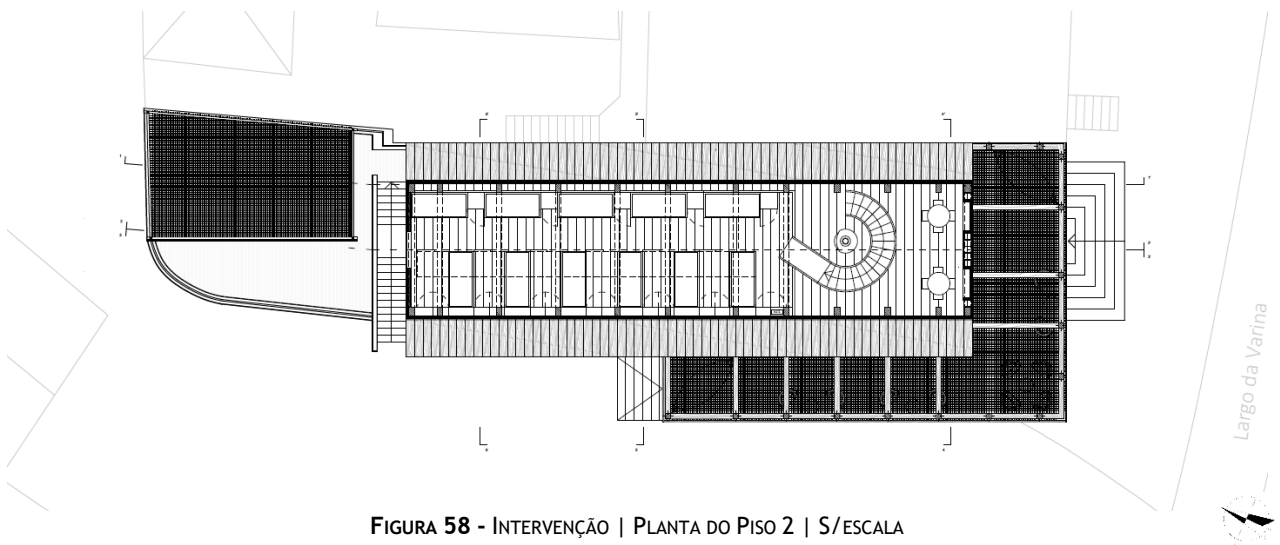


FIGURA 58 - INTERVENÇÃO | PLANTA DO PISO 2 | S/ESCALA

Quanto a aplicação de materiais, o exterior do edificado é todo revestido com ripas de madeira de pinho carbonizada, à exceção das zonas ditas mais públicas como o bar e a escola. Optamos por este revestimento por nos remeter para intemporalidade, como se ele ali sempre estivesse com aquela forma e envelhecesse com o tempo, e ainda por ir ao encontro da cor negro-fumo, obtida através da fumaça da madeira, usada outrora nos palheiros.

As zonas de serviços mais públicos - bistrô-bar e escola náutica - são tratadas de forma a que seja clara a distinção entre serviços público e privado nos alçados, sendo estes revestidos com painéis alucobond lacado a branco, material semelhante ao usado na construção náutica.



FIGURA 59 - RENDERS | ALUCOBOND | MADEIRA DE PINHO CARBONIZADA E AO NATURAL

Já no seu interior as paredes serão revestidas com um ripado de madeira de pinho na sua cor original (crua), que nos remete para algo renovado, refeito com um novo propósito.

Quanto às zonas declaradas de “passagem” ou públicas, estas serão revestidas por painéis de contraplacado marítimo, sendo este material escolhido para o interior em detrimento dos painéis de alucobond, pela sua versatilidade visto poder ser usado na conceção de mobiliário como no revestimento das paredes interiores, e ainda pelo aumento do conforto ambiental, visto o alucobond ser um material feito de alumínio e por isso mais frio ao toque.

Quanto ao revestimento do chão, ele é escolhido em função do seu uso, ou seja, nos sítios de passagem e de estar continuará a ser usada a madeira de pinho, mas nas zonas húmidas, como os W/C, balneários ou zonas de confeção de alimentos será usado o microcimento, pela sua fácil manutenção e limpeza. Nessas áreas, o revestimento das paredes seria feito com mosaico hidráulico pelas mesmas razões.

Quanto aos tetos, será criado um teto falso para a devida separação de áreas técnicas do resto. Este teto fugirá ao convencional, por ser usada uma rede feita de corda que remete para uma rede de pesca, permitindo que seja perceptível tudo o que se por cima do teto. O mesmo tipo de cordas é

utilizado para aplicação de iluminação interior do edifício e também para a inserção de uns baloiços no alpendre do primeiro piso.



FIGURA 60 - RENDER | REVESTIMENTOS DO CHÃO

A forma como os materiais escolhidos para o revestimento podem influenciar a distinção dos serviços que um edifício poderá albergar, é dada pelas sensações tanto a nível tátil como visual que os mesmos conseguem provocar. Assim sendo, a nossa aposta na madeira deve-se ao facto de ser um material que proporciona conforto aos ambientes devido às suas características térmicas. Além disso, a madeira proporciona uma sensação aconchegante pelo seu aspeto visual rústico e melhora a acústica dos espaços. Já quanto ao alumínio, ele confere ao espaço um impacto mais industrial, e a nossa escolha deste tipo de material nas zonas públicas deriva do facto de se tratar de uma zona de passagem.

Os revestimentos escolhidos vão ao encontro das exigências atuais no que toca ao conforto habitacional, assim como os desejos conceptuais pretendidos. Visto o edifício não ter atualmente um desempenho térmico eficiente, foi forrado a XPS por baixo do revestimento de madeira, de maneira a responder de forma positiva às questões de isolamento térmico e ambiental.

Apesar das madeiras estarem cada vez mais capazes de responder às intempéries ambientais, a escolha da madeira de pinho carbonizada não é feita em vão. Além de corresponder, em termos

conceptuais, ao que é exigido por nós, ela também responde melhor no que toca ao combate de possíveis danos causados pelas intempéries e agressões naturais do mar. O processo consiste em queimar a camada externa da madeira de modo a que as fibras externas possam reagir deixando a madeira imune ao ataque de fungo e agressões naturais por décadas.

Esta técnica inspira-se numa prática japonesa, como podemos ver pelo excerto que se segue:

“A popular técnica japonesa, com mais de trezentos anos, nomeada de Shou Sugi Ban, trata-se do tratamento das madeiras utilizadas na construção das tradicionais vilas de casas de pescadores na ilha de Naoshima, no Japão, na tentativa de combater os possíveis danos causados pelas intempéries e agressões naturais do mar às construções. No país, a priori, o processo consistia na queima da camada externa da madeira com o uso de fogueiras, contudo, atualmente, o método consiste na carbonização das tábuas por meio de um maçarico, de modo que as fibras externas possam reagir deixando a madeira imune ao ataque de cupins, fungos e agressões naturais, por décadas.”²⁸ (Pereira, 2017, Archdaily)

Já quanto ao Alucobond, além de cumprir o desejo de dar a estes espaços um aspeto industrial, de passagem e singular tanto na materialização do edificado como dos serviços que o mesmo dispõe, o material cumpre ele também as exigências térmicas e é ideal para aplicação no exterior, ao mesmo tempo que oferece uma grande resistência às intempéries. É composto por duas placas de alumínio, e preenchido com minerais, fazendo deste material aparentemente frio, um bom isolamento térmico.

²⁸ PEREIRA, M. in Archdaily. (2017). Madeira Carbonizada: A técnica Japonesa tradicional em expansão mundial. Site: https://www.archdaily.com.br/br/879519/madeira-carbonizada-a-tecnica-japonesa-tradicional-em-expansao-mundial?ad_source=search&ad_medium=search_result_all

4.6.2 Casos relevantes do projeto

Falemos então dos casos relevantes deste projeto, como o da constituição de uma nova parede exterior do lado oeste do edifício, que foi construída devido à nossa vontade de corrigir uma quebra que originalmente existia (ver imagem 51). O porquê deste desejo advém do facto deste piso albergar apenas o hostel, pelo que entendemos ser melhor manter uma continuidade do alçado. Visto que no piso térreo existem as três funções - escola náutica, parte do hostel e Bistrô- foram deixadas essas quebras.

A alteração da parede do primeiro piso levantou-nos um problema estrutural, uma vez que interferia com os pilares que sustentam a cobertura, pelo que foi preciso fazer um estudo estrutural para o devido efeito. Assim, foi necessário deslocar os pilares cerca de cinquenta e seis centímetros para fora, obrigando-nos a reforçar as vigas que suportam o chão da zona de estar exterior, o dito cais, passando as vigas a necessitar ter uma altura igual ao superior a cinquenta centímetro para suportar o peso que é aplicado sobre os pilares dos pisos superiores. Para reforçar a sua sustentabilidade, optámos por ter essas vigas com uma altura de setenta centímetros (ver imagem 61).

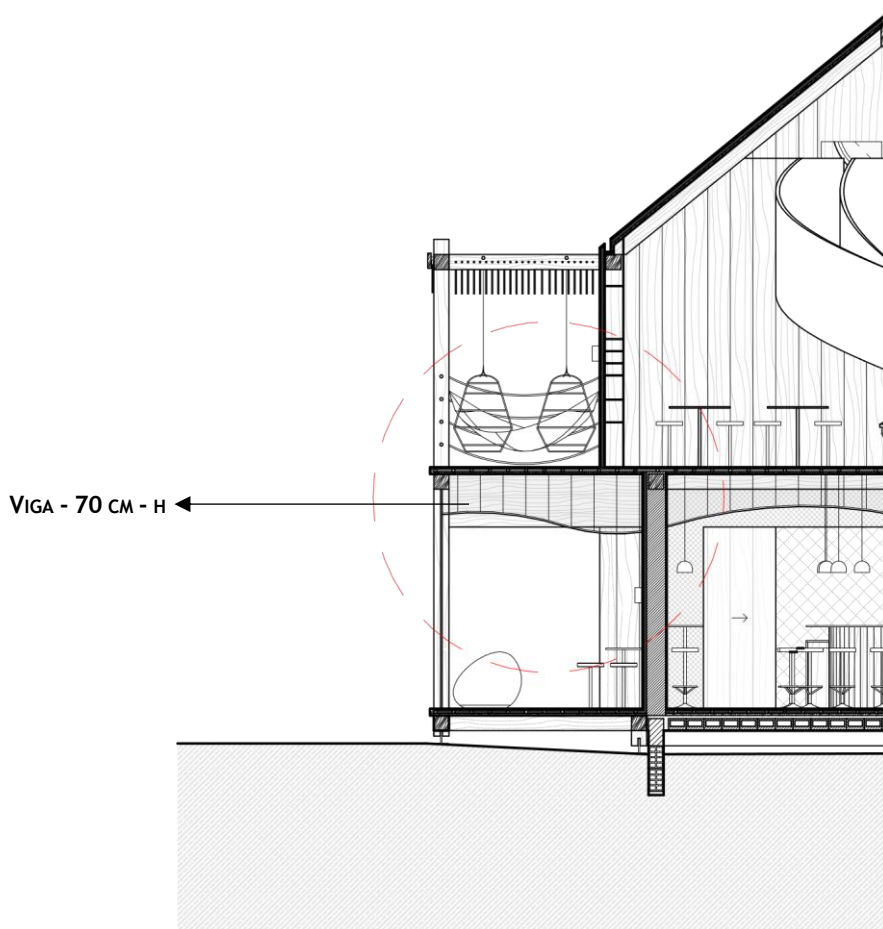


FIGURA 61 - CORTE EXPLICATIVO DA RESTRUTURAÇÃO DA PAREDE SUPERIOR | 1/200

Outro caso relevante no projeto é a escada helicoidal, que foi contruída em função do conforto e das contrariedades causadas pelo espaço que ocupa. Tendo um patamar com trinta e quatro centímetros e com uma largura de oitenta centímetros, a escada foi construída toda ela em chapa de aço de quatro centímetros com o objetivo de a tornar estrutural, ou seja, as guardas trabalham como estrutura e os degraus como contraventamento, acabando o todo por funcionar como uma viga I (ver imagem 62).

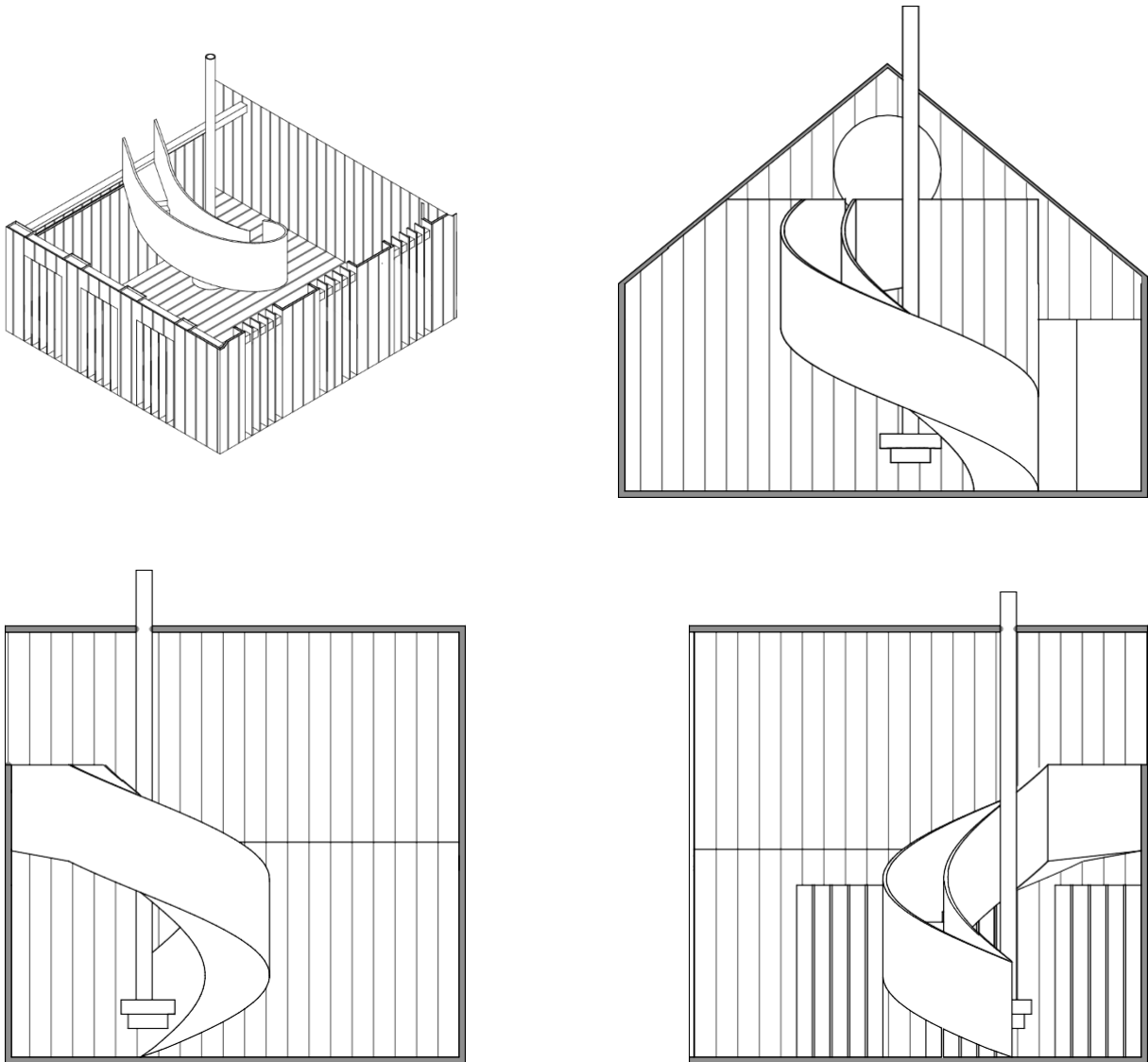


FIGURA 62 - AXONOMETRIA | ALÇADOS DA ESCADA HELICOIDAL | 1/200

A escada envolve uma salamandra suspensa, cujo tubo de gases se encontra inserido num tubo que a sustenta a partir do telhado.



FIGURA 63 - EXEMPLO DE SALAMANDRA SUSPENSA

A solução da escada helicoidal e da salamandra suspensa foi equacionada devido ao facto do espaço ser reduzido.

A forma alcançada deriva dos conceitos que nos comprometemos a utilizar sob duas perspetivas:



FIGURA 64 - RENDER | ESCADA HELICOIDAL

- Em termos de analogia com a temática marítima, este acesso a nível da planta transmite-nos a visão de um anzol;
- o acesso funciona como um chamariz atraindo os hóspedes do espaço comum para os dormitórios.
- A criação da escada proporcionou-nos desafios constantes até chegarmos a um resultado satisfatório que abrangesse todos os níveis, conceptuais, visuais, habitacionais e sustentáveis, pelo que a opção da escada curva transporta-nos para algo infundável, incerto e por explorar.

A escolha dos tipos de vão foi tomada em função dos serviços que o edifício irá abrigar e da distinção que pretendemos criar entre eles. Assim:

- nas zonas privadas, a abertura de vão é feita na vertical ocupando por inteiro o pé direito, enquanto a largura é mantida consoante as aberturas originais, salvo raríssimas exceções onde foi preciso abrir um novo vão ou aumentar a largura visto os vãos originais serem demasiados pequenos para o efeito pretendido.
- Considerando que o edificado tem a sua maior fachada virada a Oeste, e por isso sujeita a uma grande exposição solar, foi criado um brise-soleil²⁹ vertical amovível com o mesmo tipo de ripado usado no revestimento do edifício, conseguindo assim dissimular os vãos no caso de estes se encontrarem fechados (ver imagem 64). Desta forma foi criado um mecanismo simples onde cada painel do brise-soleil é independente, proporcionando ao seu usuário a possibilidade de agir conforme a necessidade, e ainda criando uma panóplia de opções, podendo os brise-soleils estarem todos fechados, abertos ou recolhidos.

²⁹ Elemento arquitetónico de proteção solar criado pelo arquiteto Le Corbusier, utilizado para impedir a incidência direta de radiação solar nos interiores de um edifício. (ver em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Brise-soleil>)

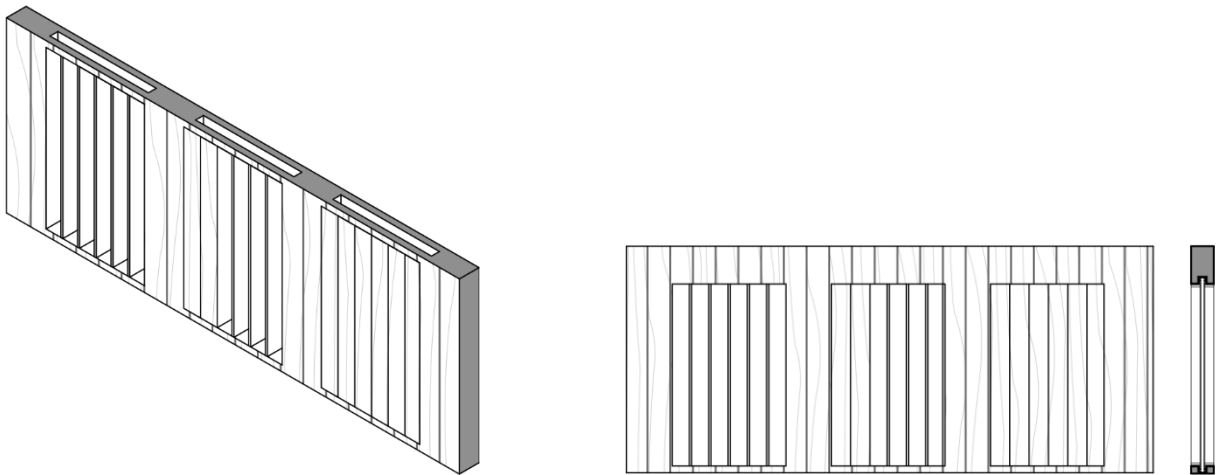


FIGURA 65 - ESQUEMAS DO FUNCIONAMENTO DOS BRISE-SOLEIL | 1/100

- O outro tipo de vão criado para as zonas mais acessíveis, são as janelas circulares fixas ou pivotantes: Neste caso, a solução apresentada parte das referências náuticas, mais especificamente, os navios onde são visíveis estes tipos de formas de abertura de vão (ver imagem 65).

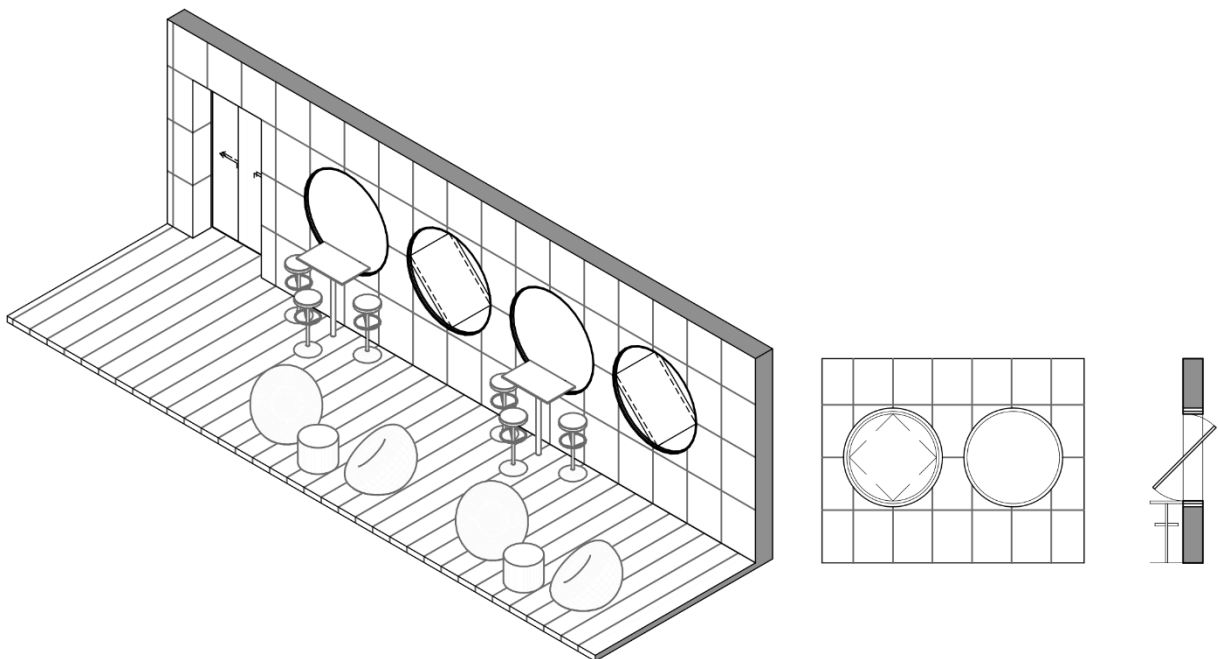


FIGURA 66 - ESQUEMAS DO FUNCIONAMENTO JANELAS PIVOTANTES | 1/100

- Quanto às caixilharias, foi escolhido o sistema hyline da empresa BBG Aluminium Systems, por esta opção nos possibilitar esconder/dissimular os perfis na sua grande maioria, não existindo ressaltos entre a ligação do piso interior com o do exterior, ficando só visíveis os prumos centrais com apenas 18mm de vista.

5. Renders



FIGURA 67 - RENDER | ALÇADO SUL

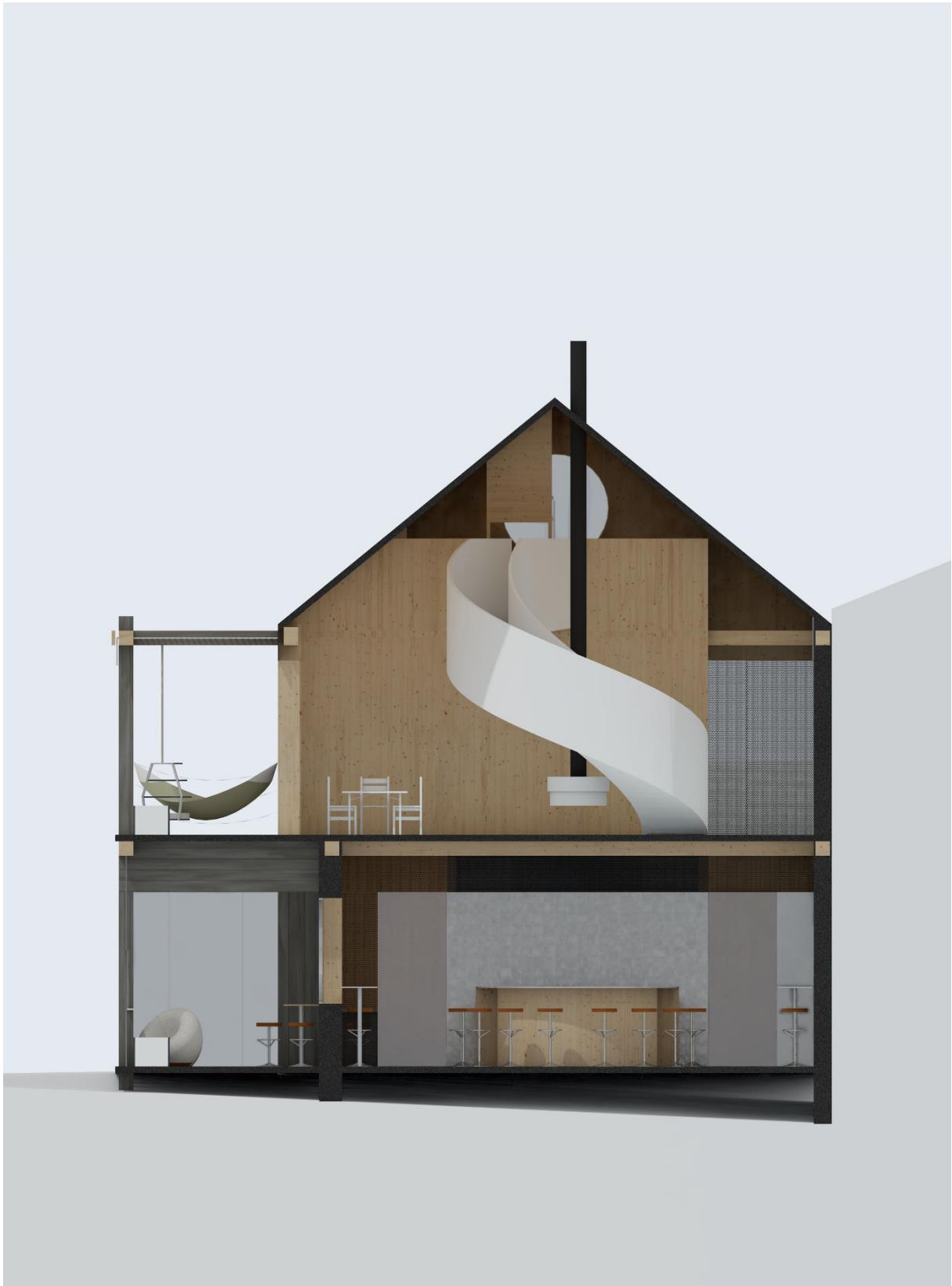


FIGURA 68 - RENDER | CORTE

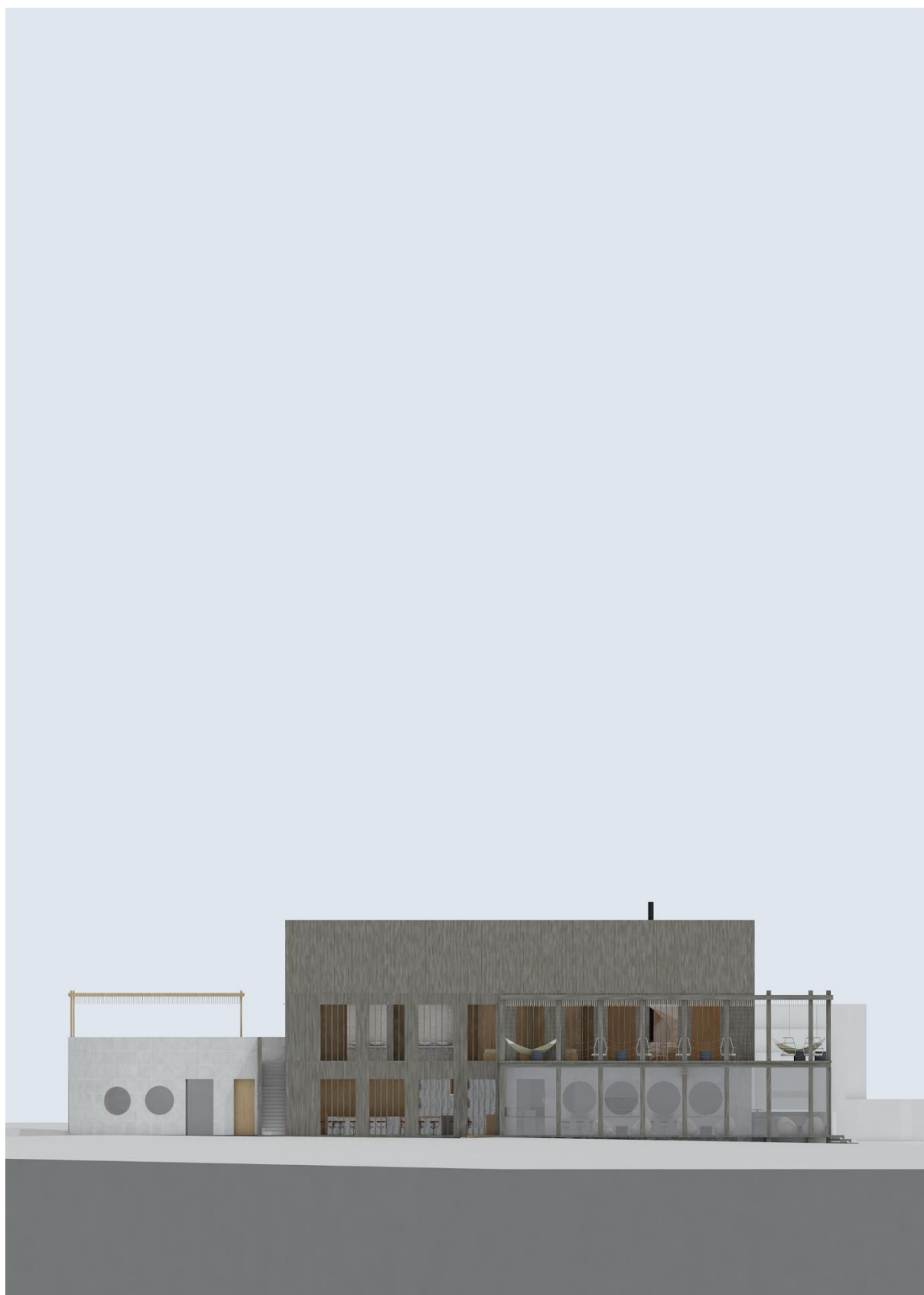


FIGURA 69 - RENDER | ALÇADO OESTE



FIGURA 70 - RENDER | ALÇADO NORTE



FIGURA 71 - RENDER | PERSPETIVA ISOMÉTRICA

6. Conclusão

A arquitectura desta região foi sujeita ao longo dos anos a uma descaracterização significativa, seja por razões economicistas seja por simples negligência. Desenvolveu-se assim uma arquitectura sem preocupações históricas ou culturais que não desperta qualquer interesse a quem passa, e que repete soluções tipológicas e construtivas generalizadas. Com isto se banaliza a construção e se desaproveita a riqueza cultural que nos distingue.

Essa “riqueza” pode e deve ser vista como uma mais-valia, como um ponto de partida para a promoção de um turismo que possa trazer visibilidade para a região e conseqüentemente potencializar o seu desenvolvimento económico. Para isso acontecer devemos preservar as nossas características identitárias e cuidar dos nossos valores patrimoniais, aproveitando assim a diversidade que atrai quem procura por algo diferente. Deste modo, melhoramos a vida dos locais e preservamos a cultura tradicional de cada região de forma equilibrada e sustentada.

É certo que não nos devemos prender única e exclusivamente ao passado, mas sim dele tirar o melhor partido, reinterpretando continuamente a nossa cultura e adaptando-a às circunstâncias atuais. Essa é, de resto, a única forma de ela se manter viva e operante.

“contribuir para salvaguardar o que merece ser mantido”³⁰ (Roseta, 2004, pág.XXII)

A realização desta dissertação teve como principal objetivo alertar para a falta de interesse pela preservação do património, e ao mesmo tempo expor a nossa visão de como consideramos ser possível aliar a preservação à inovação.

Para isso foi selecionado um local, cuja escolha foi influenciada por relações de proximidade e afinidade, que foi usado como exemplo dos muitos edificados existentes que também foram sujeitos a este tipo de descaracterização.

Em seguida foi realizada uma pesquisa, em que foram analisados os aspetos históricos e culturais da região, assim como novas possibilidades para o local, partindo de uma análise sucinta do estado da arte na região.

³⁰ ROSETA, H. (2004). in *Arquitectura Popular em Portugal vol.1.* (4ª edição) Lisboa: Ordem dos Arquitectos - Conselho Directivo Nacional (1ª ed.: 1961).

Concluimos que apesar de ainda serem poucos, existem exemplos de casos bem-sucedidos de preservação do património adaptados aos dias de hoje, às exigências atuais, alguns dos quais apresentamos, nesta dissertação, como exemplares.

Dado que o turismo tem vindo a ter um papel económico cada vez mais relevante, é importante que a preservação do património se constitua como elemento diferenciador e atrativo.

No nosso caso específico, o desafio passou por transformar um edifício de valor histórico e arquitetónico questionável, cuja fachada não poderia ser destruída apenas por razões de preservação da área, estimulou a nossa criatividade no sentido de recuperar a imagem dos tradicionais “palheiros”, ao mesmo tempo que também explorámos outras características culturais da região.

Portanto, ao longo da elaboração desta dissertação, fomos percebendo que existe uma lógica de integração da arquitectura, de acordo com o lugar onde ela se insere, que estabelece laços com as novas realidades e tecnologias e se relaciona com o espaço social a que se destina. Sabemos que, no passado, a construção dependia dos materiais que a circundavam, e que na atualidade o espaço se expandiu e se universalizou, mas também reconhecemos que é cada vez mais importante realçar as características que nos moldaram e diferenciaram e que são essas pequenas diferenças que devemos saber preservar.

“O futuro do passado está confiado à nossa guarda”³¹ (Roseta, 2004, pág.V)

³¹ ROSETA, H. (2004). in *Arquitectura Popular em Portugal vol.1*. (4ª edição) Lisboa: Ordem dos Arquitectos - Conselho Directivo Nacional (1ª ed.: 1961).

Referências Bibliográficas

AA.VV. (2004). *Arquitectura Popular em Portugal vol.1 e 2* (4ª edição) Lisboa: Ordem dos Arquitectos - Conselho Directivo Nacional (1ª ed.: 1961).

ARAÚJO, Luís (2017) Turismo em Portugal cada vez mais cada vez melhor. Portugal: Publituris.
Site: <https://www.publituris.pt/2017/12/29/opiniao-turismo-portugal-vez-vez-melhor/>

ARAUJO, Mário Eduardo Pereira de. (2008). A Arquitetura do lugar na segunda metade do seculo xx
Site: <https://www.passeidireto.com/arquivo/36491671/a-arquitetura-do-lugar-na-segunda-metade-do-seculo-xx>

BAHAMÓN, Alejandro, ÁLVAREZ, Ana Maria. (2009). Palafita: da Arquitectura Vernácula à Contemporânea. Lisboa: Argumentum.

BRANDÃO, R. (1923) in Os Pescadores 2ª edição, 2010. Porto: Estante editora

CALOR, Inês Alhandra. (2006). Técnicas construtivas avieiras. Lisboa: Faculdade de arquitetura, Universidade Técnica de Lisboa.
Site: <http://recil.ulusofona.pt/bitstream/handle/10437/2865/TÉCNICAS%20CONSTRUTIVAS%20AVIEIRAS.pdf?sequence=1>

LOURENÇO, Eduardo (2004). in *Arquitectura Popular em Portugal vol.1.* (4ª edição) Lisboa: Ordem dos Arquitectos - Conselho Directivo Nacional (1ª ed.: 1961).

LOURINHO, Inês. (1984). Decoração de interiores - 1001 ideias e sugestões. Portugal: Edideco

NEUFERT, Ernst. (2016). Neufert - Arte de Projetar em Arquitetura. Barcelona: Editorial Gustavo Gil

OLIVEIRA, E. (1965) Palheiros e Barracos do Litoral, in Geographica. Lisboa: Revista da Sociedade de Geografia.

OLIVEIRA, E., & Galhano, F. (1964). *Palheiros do Litoral Central Português.* Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnologia Peninsular.

RAMALHO, Maria (2016). Processo de turistificação de uma cidade património mundial. Porto: OPublico.

Site: <https://www.publico.pt/2016/11/23/local/opiniaio/porto-processo-de-turistificacao-de-uma-cidade-patrimonio-mundial->

RICOEUR, P. (1961) Universal Civilization and National Cultures, in História critica da arquitectura moderna. Brasil: Martins Fontes

ROSETA, H. (2004). in *Arquitectura Popular em Portugal vol.1.* (4ª edição) Lisboa: Ordem dos Arquitectos - Conselho Directivo Nacional (1ª ed.: 1961).

SANTOS, J. (2011). *Coleção Arquitectos Portugueses, Raul Lino.* Vila do Conde: Quidnovi.

TÁVORA, F. (1947). *O problema da casa portuguesa.* Lisboa: Cadernos de Arquitectura n. °1.

Documentos eletrónicos:

Alucobond. Porquê o alucobond?

Site: <https://alucobond.com/alucobond-idea?locale=pt>

Archdaily. (2019). Carpintaria São Lázaro.

Site: <https://www.archdaily.com.br/br/918489/carpintaria-sao-lazaro-filipe-borges-de-macedo>

Archdaily. (2017). Madeira Carbonizada: A técnica Japonesa tradicional em expansão mundial.

Site: https://www.archdaily.com.br/br/879519/madeira-carbonizada-a-tecnica-japonesa-tradicional-em-expansao-mundial?ad_source=search&ad_medium=search_result_all

Arquitetemos. (2012). Regionalismo Crítico

Site: <http://arquitetemos.blogspot.com/2012/09/regionalismo-critico.html>

Câmara Municipal da Murtosa. Romaria do São Paio da Torreira.

Site: <http://www.cm-murtosa.pt/pages/542>

Coisas da Arquitetura. (2010). Regionalismo Crítico

Site: <https://coisasdaarquitetura.wordpress.com/2010/05/29/regionalismo-critico/>

Como projetar. (2019) Por quê e como utilizar a madeira da arquitetura?

Site: <http://comoprojetar.com.br/por-que-e-como-utilizar-madeira-na-arquitetura/>

Dicas de Arquitetura. (2014). Sensação causada pelos materiais na decoração.

Site: <https://dicasdearquitetura.com.br/sensacao-causada-pelos-materiais-na-decoracao/>

GAAPE - Arquitectura Planeamento e Engenharia. (2013). Restaurante SalPoente

Site: <http://gaape-arquitetura.blogspot.com/2013/03/salpoentecanal-de-s-roque-aveiro.html>

Homify. (2015). De armazém do sal a magnífico restaurante - SalPoente

Site: https://www.homify.pt/livros_de_ideias/222249/de-armazem-de-sal-a-magnifico-restaurante

Hostel Bookers. (2013) - O que é um hostel?

Site: <https://pt.hostelbookers.com/blog/albergues/o-que-e-um-albergue/>

Junta da Freguesia da Torreira. (2004). História da Torreira - Murtosa.

Site: <http://jf-torreira.pt/a-freguesia/historia/>

Lucas, Sónia Maria Matos (2013). Preservar o passado é contruir o futuro.

Site: <https://pt.scribd.com/document/165599002/preservar-o-passado-e-construir-o-futuro>

Jular. Madeira: a resposta ao grande desafio da sustentabilidade.

Site: <https://www.jular.pt/empresa/ecologia>

Maria Vilhena. (2017). Madeiras na Decoração

Site: <https://mariavilhena.pt/trends-madeiras-na-decoracao/>

Núcleo de Engenharia Sísmica e Dinâmica de Estruturas. (2005). Evolução das tipologias construtivas em Portugal.

Site: http://www-ext.lnec.pt/LNEC/DE/NESDE/divulgacao/evol_tipol.html

Portugal de lés a lés. Quando todos os caminhos nos levam à Torreira.

Site: <https://portugaldelesales.pt/quando-todos-caminhos-nos-levam-torreira/>

SalPoente.

Site: <https://salpoente.pt/quem-somos/#espaco>

Timeout. (2019). Carpintarias de São Lázaro: Um Pólo Cultural com vistas incríveis para a cidade.

Site: <https://www.timeout.pt/lisboa/pt/noticias/carpintarias-de-sao-lazaro-um-polo-cultural-com-vistas-incriveis-para-a-cidade-012419>

Wikipédia. (2018). Torreira.

Site: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Torreira>

Expresso. (2016). Em busca da janela mais evoluída do mundo.

<https://expresso.pt/economia/2016-12-24-Em-busca-da-janela-mais-evoluída-do-mundo>